



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE DOUTORADO EM LINGUÍSTICA – PROLING

ALBANITA BEZERRA DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES SOCIOCÓGNITIVAS NA
CONSTRUÇÃO DO TEXTO ESCRITO**

JOÃO PESSOA
2010

ALBANITA BEZERRA DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES SOCIOCOGNITIVAS NA
CONSTRUÇÃO DO TEXTO ESCRITO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal da Paraíba, para
obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua
Portuguesa.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Maria Evangelina
Brito de Faria

JOÃO PESSOA
2010

O48c Oliveira, Albanita Bezerra de.

Contribuições sociocognitivas na construção do texto escrito /
Albanita Bezerra de Oliveira. - João Pessoa, 2010.
117p.

Orientadora : Maria Evangelina Brito de Faria.
Tese (Doutorado) – UFPB/CCHLA.

1.Linguística. 2.Sociocognitivismo. 3.Escrita. 4.Gênero. 5.Conteúdo.
6.Análise.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

ALBANITA BEZERRA DE OLIVEIRA

CONTRIBUIÇÕES SOCIOCOGNITIVAS NA
CONSTRUÇÃO DO TEXTO ESCRITO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do
Paraná, para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: 13/09/2010

Conceito: _____ Nota: _____

Emangela q. Prub de Souza
Orientadora

Maria de Fátima Almeida
(Examinadora interna - UFPR)

Maria Cláudia Alves de A. Silva
(Examinadora interna - UFPR)

Sônia Maria Custódio da Silva
(Examinadora externa - UFPR)

Séverin Mhu
(Examinadora externa - FACHO)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer e dividir esse momento com as pessoas que, por algum período de tempo, estiveram comigo, e àqueles que até hoje estão ao meu lado e me deram suporte para chegar ao final desse grande sonho, sem os quais jamais poderia redigir este texto.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e à minha família, pelas renúncias necessárias para que eu chegasse até aqui, o que concretizaram nessa vitória.

Em segundo lugar, o meu agradecimento à minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Evangelina Brito de Faria que, além de competente, por sua humildade e tranquilidade, e me ajudou a vencer cada etapa, tornando-a menos árdua.

Agradeço, também, a mais três profissionais, de uma grandeza muito rara, que muito contribuíram para esta vitória, com algumas orientações: Maria José Guerra (UECG), Prof^a Maria da Salete F. de Carvalho (CEFET) e Prof^a Míriam Pereira de Luna (Centro de Línguas do Estado), Dr^a Claurênia Abreu (UFPB) e Dr^a Maria de Fátima Almeida (UFPB).

Ainda quero agradecer à minha digitadora, Paula Francinete Pessôa, pelo carinho e confiança que nos unem há vários anos, como também a sua capacidade de observação e correção dos textos manuscritos.

Agradeço a Fernanda Costa Noronha, pela ajuda que me deu na digitação e nas pesquisas de vários textos pela Internet.

Quero dizer também o meu muito obrigada aos alunos da graduação em Letras da UFPB, pela participação nesta pesquisa.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo observar o desenvolvimento humano, o qual é realizado na atividade social mediado pela linguagem. Para explicarmos o desenvolvimento humano, citamos várias correntes como: o behaviorismo, o construtivismo, o cognitivismo e o interacionismo social. Damos um destaque especial ao sociocognitivismo, comprometido com a compreensão da linguagem como um fenômeno cognitivo que se desenvolve a partir da exploração do conceito de interação durante o processo da escrita. As interações não se dão fora de um contexto social, mas tornam-se possíveis nos limites de uma determinada situação social. Procuramos fazer uma síntese do que é a língua como patrimônio social, que é, sem dúvida, um dos mais importantes instrumentos utilizado, em grande parte, dos nossos atos de comunicação. Listamos alguns conceitos da língua e da escrita, de vários autores. Apoiados em pressupostos sociointeracionistas, a pesquisa elegeu o *gênero artigo de opinião* como elo de observação do desenvolvimento das habilidades sociocognitivas. Metodologicamente, elaboramos uma sequência didática que foi aplicada a cinco alunos de graduação da UFPB. Para análise dos dados foram levantadas quatro categorias: interpretação do texto, sequência das ideias, coerência e abordagem do tema. Os resultados apontaram para a percepção da importância do conhecimento coletivo por parte dos alunos pesquisados. Podemos concluir que o estudo realizado nos deu uma visão clara sobre a interação e de que é no agir com o outro que verdadeiramente construímos nossos conhecimentos.

Palavras-chave: Linguística. Sociocognitivismo. Escrita. Gênero. Conteúdo. Análise.

ABSTRACT

This study it has as objective to observe the human development, which is carried through in the social activity mediated by the language. To explain the human development, we cite some chains as: the behaviourism, the construtivismo, the cognitivismo and the social interacionismo. Demons one has detached special to the sociocognitivismo, compromised to the understanding of the language as a cognitivo phenomenon that if develops from the exploration of the interaction concept during the process of the writing. The interactions if do not give outside of a social context, but they become possible in the one limits determined social situation. We look for to make a synthesis of what it is the language as corporate assets, that is, without a doubt, one of the most important instruments used, to a large extent, of our acts of communication. We list some concepts of the language and the writing, some authors. Supported in estimated sociointeracionistas, the research chose the sort opinion article as link of comment of the development of the sociocognitivas abilities. Metodologicamente, we elaborate a didactic sequência that was applied the five pupils of graduation of the UFPB. For analysis of the data four categories had been raised: interpretation of the text, sequência of the ideas, coherence and boarding of the subject. The results had pointed with respect to the perception of the importance of the collective knowledge on the part of the searched pupils. We can conclude that the study carried through in it gave a clear vision to them on the interaction and of that it is in acting with the other that truely we construct our knowledge.

Keywords: Linguistica. Sociocognitive. Writing. Sort. Content. Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
 CAPÍTULO I – EXPLICAÇÃO INTRODUTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	 10
1.1 CORRENTES QUE EXPLICAM O DESENVOLVIMENTO HUMANO	11
1.1.1 Percurso do cognitivismo ao sociocognitivismo	13
 CAPÍTULO II - REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA	 24
2.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA	25
2.2 A ESCRITO COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO	27
2.3 CONCEITOS DE ESCRITA	27
2.4 O QUE É ESCREVER	29
2.5 A ESCRITA COMO PROCESSO	34
 CAPÍTULO III - GÊNEROS TEXTUAIS – CONCEITOS	 36
3.1 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DOS GÊNEROS	39
3.2 DIFERENÇA ENTRE TIPO TEXTUAL E GÊNEROS	41
3.3 CONTROLE SOCIAL ATRAVÉS DOS GÊNEROS TEXTUAIS	42
3.4 GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO	44
3.5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	48
 CAPÍTULO IV - METODOLOGIA	 51
4.1 HISTÓRICO DA ANÁLISE DO CONTEÚDO	55
4.2 CONCEITOS DA ANÁLISE DO CONTEÚDO	57
 CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	 58

CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICES	115
APÊNDICE A – Questionário	116
APÊNDICE B – Resposta/Questionário	117

INTRODUÇÃO

Antes de relacionarmos as correntes que explicam o desenvolvimento humano, demos uma sucinta explicação deste, o qual é realizado na atividade social mediado pela linguagem.

Vários autores como Tomasello, Vygotsky e outros adotam a visão de que é o social que funda a cognição.

Dentre as várias correntes que explicam o desenvolvimento humano, surge o sociocognitivismo, comprometido com a compreensão da língua como um fenômeno cognitivo socialmente situado. Com base nesse entendimento, este trabalho tenta avaliar o sociocognitivismo enquanto foco da pesquisa, que ganhou imenso prestígio nas chamadas ciências cognitivas, as quais explicam por que as habilidades cognitivas se desenvolvem a partir das interações com o meio, no qual as ações dos sujeitos são desenvolvidas através da convivência social, cultural e histórica. As interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo. Na verdade, eles tornam-se possíveis no interior e nos limites de uma determinada situação social e sofrem as interferências, os controles e as relações impostas por esta situação.

A contribuição da pesquisa está na ação de envolver os alunos em habilidades cognitivas, como saber o para quê, o propósito, o destinatário, na construção do gênero escrito, como construto formal, que envolve todos os problemas de motivação, interesse, atenção, compreensão e envolvimento da pessoa durante a atividade da produção.

O objetivo geral da pesquisa foi observar a valorização, pelos alunos, do desenvolvimento sociocognitivo na produção do texto escrito. No tocante aos objetivos específicos, temos: a) rever a bibliografia pertinente; b) convidar os alunos a participarem da pesquisa sem nenhum critério de escolha; c) selecionar a temática do *corpus*; d) elaborar uma sequência didática; e) analisar a influência sociocognitiva das discussões do grupo; f) verificar a construção do gênero artigo de opinião a partir das discussões.

Para dar arranque à pesquisa, partimos das hipóteses: a) Alunos se envolvem nas discussões, tendo consciência da importância dessa etapa no processo das produções. b) Não valorizam a discussão anterior e não possuem consciência da importância na construção do texto escrito.

No percurso de leituras propostas, temos: as correntes que estudam o desenvolvimento humano e o percurso do cognitivismo ao sociocognitivismo. Reflexão sobre a língua e conceitos a partir de vários autores; explicação da escrita como processo de interação e conceitos da escrita segundo alguns autores; estudo do gênero e de que modo os mesmos são tidos como atividades organizadas da sociedade letrada, cuja finalidade é levar os seres humanos a comunicar fatos sociais de interação entre as pessoas.

A metodologia está dividida em três partes: a primeira trata da fundamentação teórica; a segunda da pesquisa e a terceira da análise e coleta dos dados. Teve como suporte uma sequência didática, cujas etapas foram organizadas em sete encontros, com duração de uma hora; sendo que, no penúltimo tivemos três horas. A última etapa da metodologia foi a análise dos dados e a codificação do questionário aplicado.

Acredita-se que esta pesquisa contribuiu não apenas como amostra, mas levar os alunos a terem consciência da importância das discussões para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como saber organizar as ideias, selecionar o vocabulário, revisar o texto e editar. Como futuros professores de Língua Portuguesa, em um dos três graus de ensino, poderão adotar a prática de trabalhar com gênero nessa mesma perspectiva.

Os resultados desta monografia não representam terminalidades e o campo estará aberto para novas pesquisas, cujos olhares, nesta mesma perspectiva, analisam a amplitude do fenômeno desenvolvimento das habilidades cognitivas e, assim, contribua para sujeitos produtores de textos. Estes mesmos sejam capazes não apenas de escrever, mas de interagir através da escrita. Vale destacar que a interação é o foco principal deste estudo e que a mesma é uma forma de organização social, onde o conhecimento é compartilhado.

Estamos certos de que colaboramos para uma melhor compreensão de que o desenvolvimento das capacidades cognitivas é um processo que, desde seu início, é marcado pelo sociocultural e pela linguagem.

Capítulo I

Capítulo I

EXPLICAÇÃO INTRODUTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Antes de comentarmos sobre as correntes que explicam o desenvolvimento filiado ao paradigma interacionista social é aconselhável citar Bronckart (2006, p.55), para quem “o desenvolvimento do homem está intrinsecamente relacionado ao efeito que permanentemente exercem sobre ele uma atividade social e significações de linguagem já existentes e em permanente evolução”.

É na construção do social que o desenvolvimento humano se realiza, onde o comportamento do homem só pode ser explicado pela história, ou seja, pela evolução das organizações sociais. Esse desenvolvimento é, portanto, um processo evolutivo, no qual é dada uma importância capital à interação construída pela linguagem.

Segundo Rego (1995, p. 58),

o desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica e dialética através de rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo.

Como vemos, ambos os autores acima citados defendem uma mesma posição em relação ao desenvolvimento humano, o qual se dá na relação com o outro construído socialmente e cuja marca, nesse desenvolvimento, é a conquista da linguagem, usada pela necessidade de comunicação.

Por sua vez, Rego (1995, p. 56), afirma “que Vygotsky atribui enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano”. Para esse autor, o desenvolvimento é um processo socialmente constituído entre o organismo e o meio social, no qual o indivíduo cresce e interage com outras pessoas.

1.1 CORRENTES QUE EXPLICAM O DESENVOLVIMENTO HUMANO

A Psicologia científica do século XX procurou elaborar as principais teorias que explicam as condições do desenvolvimento humano, que podem ser agrupadas em quatro posições: a behaviorista, o construtivismo, o cognitivismo e o interacionismo social. As três primeiras posições sobre o desenvolvimento humano

têm influência nos processos educacionais, principalmente nos escolares. Essas teorias dão suporte às concepções de língua e de escrita e contribuem para o ensino.

Segundo Bronckart (2006, p. 177),

o behaviorismo, em seus aspectos didáticos, apresenta como corrente primeiramente a existência de um saber universal validado (que, todavia, não é mais considerado como acabado ou definitivo), e propõe uma programação de ensino que escalona os objetivos da aprendizagem de acordo com a lógica analítica, que vai do mais simples para o mais complexo [...].

Essa corrente de pensamento vê o aluno como objeto que se torna passivo, cuja aprendizagem é por reprodução do conhecimento, que se dá através de reforços positivos ou negativos. O saber está centrado na figura do professor, que é o protagonista da ação pedagógica. Essa corrente foi alvo de críticas em virtude de pregar um saber universal e de não considerar as capacidades cognitivas de que dispõem as crianças desde o nascimento, não procurando explorar os seus interesses e habilidades. Vale ressaltar que, apesar das críticas, essa concepção continua em pleno século XXI.

A segunda corrente, a do construtivismo, também chamada de modernidade, cujo conhecimento se dá através de um sujeito que é capaz de construir seu próprio conhecimento. Essa corrente tem sua origem nos promotores da Escola Nova ou Escola Ativa, como a de Montessori, Dewey, Claparèd, Freinet etc.

Bronckart (2006, p. 180) comprova que “o princípio da democracia igualitária implica que qualquer cidadão pode encontrar na educação o meio para desenvolver sua própria autonomia e para participar dessa forma do crescimento da coesão social”. Para esse estudioso, o princípio da democracia igualitária é a educação, que dá oportunidade de igualdade entre os indivíduos, bem como oportuniza aos mesmos a participarem do fortalecimento da união das pessoas na sociedade.

A terceira corrente é a do cognitivismo que, segundo Bronckart (2006, p. 185),

originou-se de uma radicalização inatista da orientação piagetiana; os defensores desse paradigma estão naturalmente afiliados às neurociências e não apresentaremos aqui as suas contribuições que não abrem espaços para as problemáticas da educação/formação.

Essa corrente é apoiada também na Psicologia do Desenvolvimento de Piaget, cuja base é a construção do conhecimento a partir do desenvolvimento dos quatro estágios, em que dá ênfase ao desenvolvimento individual ou cognitivo, cujas causas seriam de ordem interna ou biológica. Piaget esquece a ênfase dada aos fatores sociais que ficariam para segundo plano, porque em se tratando do social não se pode falar em Piaget, porque nele não há história.

Como última corrente, podemos citar a interacionista social. Essa corrente dá ênfase ao conhecimento a partir da interação entre os sujeitos e deve estar a serviço das pessoas e das atividades realizadas coletivamente. Veremos essa corrente com mais detalhes a seguir, segundo Bronckart.

1.1.1 Percurso do cognitivismo ao sociocognitivismo

Nesse item vamos procurar traçar o percurso de alguns estudos cognitivos no interior da Linguística, descrevendo os caminhos da cognição em uma perspectiva social, apontando alguns fenômenos que ocuparam o centro desses estudos.

A questão da relação entre linguagem e vida social não é assunto novo, nem é tratado com exclusividade pelas ciências cognitivas. Desde a Antiguidade, era uma preocupação da Filosofia, ciência que visa a ampliar a compreensão da realidade, procurando dar respostas a essas indagações. Além da filosofia, outros pesquisadores como antropólogos, sociólogos, psicólogos, neurocientistas preocuparam-se com essa questão entre linguagem e conhecimento.

Segundo Koch e Lima (1993, p. 252):

A abordagem das ciências cognitivas surgiu, principalmente, a partir da decisão de 1950, como uma reação ao então dominante behaviorismo, que se propunha a estudar o ser humano exclusivamente partindo de suas reações a determinados estímulos, ou seja, partindo do comportamento extremamente observável e mensurável [...]; a mente e seus estudos eram vistos como “caixa preta”, algo inaceitável para o método científico.

De acordo com essa corrente, o ser humano passa a ser uma tábua rasa, que só dá respostas a partir do que pode ser observado e controlado, ponto de vista não aceito pelo método científico, que procura investigar os processos da inteligência humana e provar que os processos mentais são objetos de estudo da nova ciência

chamada cognitiva, também chamada “A nova ciência da mente” (GARDNER, 1984) ou “Como a mente funciona” (PINKER, 1997), (KOCH e LIMA, 1993, p. 252).

Ainda segundo os autores acima citados:

Os processos mentais e a mente foram reabilitados como objetos de investigação e seu estudo tornou-se o objetivo fundamental dessa nova ciência [...]. Entre as perguntas principais a que essa nova ciência pretendeu responder desde o início estão:

- Como o conhecimento está representado e estruturado na mente?
- Como a memória se organiza?
- Como a mente se estrutura; ela é dividida em partes que se coordenam ou existe conexão entre todas as partes?
- Qual a origem dos nossos conhecimentos? São eles inatos ou derivam da experiência?

A resposta a essas perguntas fez com que os cognitivistas trouxessem o conceito de mente para o campo científico e a desenvolverem métodos para estudá-los.

Tanto para Descartes como para os cognitivistas clássicos, mente e corpo são duas naturezas distintas. A mente está de alguma forma ligada ao corpo, mas difere dele em sua própria substância.

Como vemos, para as ciências cognitivas clássicas, há uma radical separação entre mente e corpo, entre os processos internos da mente e os externos do corpo, que para as autoras anteriormente citadas, sentem a necessidade de abordar a cognição em uma perspectiva social.

Essa posição dos cognitivistas clássicos, sustentada da radical separação entre mente e corpo, é rejeitada por Koch e Lima, que procuram dar uma explicação da cognição como um fenômeno situado e social. Segundo elas:

Uma outra questão relevante que merece destaque na análise da concepção cartesiana diz respeito mais diretamente à forma pela qual os fenômenos externos podem ser representados na mente, como eles podem entrar na mente e ser manipulados uma vez lá dentro (1993, p. 259).

Para as autoras acima citadas, várias respostas foram dadas, inclusive a de que na mente existem imagens mentais através das quais percebemos as coisas do mundo. Para elas, não existem imagens na nossa mente. Outra resposta para essa questão foi a de Descartes (2007, p. 260-264), quando afirma:

A ideia de que as coisas do mundo são representadas internamente por símbolos [...]. Em resumo, a tendência no interior das perspectivas cognitivistas clássicas era descrever todo o trabalho mental a partir de representações simbólicas do real e construir hipóteses seguindo regras dedutivas, a fim de chegar a conclusões sobre tais hipóteses.

Surgiram críticas sobre esse cognitivismo clássico e um dos críticos foi Daniel Donnel (1993), que fez seus comentários acerca da inteligência artificial, que consiste em usar as representações simbólicas. O nascimento dessa ciência amadureceu com a investigação, a partir de um modelo de mente artificial desenvolvida pelo computador, mas “a verdade é a de que o computador foi quem nasceu como metáfora do cérebro humano, da nossa mente mais especificamente. O computador foi feito à imagem e semelhança da mente humana” (KOCH e LIMA, 1993, p. 266). Jamais se pode comparar a mente humana a um computador, pois esse só funciona a partir do controle do homem sobre essa máquina. “Para muitas ciências, inclusive a Linguística, a implementação em computadores não foi o objetivo fundamental a ser perseguido”. Apesar da confiança dessa corrente cognitivista clássica de querer explicar a cognição humana a partir da inteligência artificial e de querer provar “a eficácia do computador”, essa confiança foi compartilhada com muitos países que acreditam que “até o fim do século não haveria comportamento inteligente que não pudesse ser reproduzido e compreendido”.

Conforme Koch e Lima (1993, p. 269):

A inteligência artificial, vista como construção de tecnologias capazes de imitar o comportamento considerado inteligente, continua sendo desenvolvida e tem obtido resultado bastante interessante [...]. O que fracassou especificamente foi a ideia de que reproduzir o comportamento inteligente é compreender como ele acontece no ser humano.

De acordo com as autoras acima citadas (1993, p. 271):

Dessa forma, podemos dizer que a concepção de mente do cognitivismo clássico é abalada em três pontos fundamentais:

- 1) a computação não necessariamente é simbólica;
- 2) mente e corpo não são duas entidades estanques; a concepção da mente desligada do corpo começa a cair como um todo [...];
- 3) as atividades cognitivas não estão separadas das interações com o meio, nem obviamente, da vida social [...];

Vejamos cada item. A abordagem que melhor explica por que a computação não é simbólica é de Port e Van Gelder (1995, p. 271), quando afirmam que o sistema cognitivo não é uma computação simbólica, mas um sistema de forças que se organizam no tempo, ou seja, é um fenômeno social, situado histórico e socialmente organizado a partir das mudanças que possam ocorrer. Quanto ao segundo item, Koch e Lima (1993, p. 275) afirmam que “mente e corpo não são duas entidades separadas, isto é, formam um tudo que só podem ser separadas por razões didáticas”. Já o terceiro item confirma essa interação entre corpo e mente que, por sua vez, sofre a influência do meio e do social onde o indivíduo está inserido.

De acordo com Koch e Lima (1993, p. 278-280):

A cognição é um fenômeno situado e social: o sociocognitivismo. As ciências cognitivas clássicas trabalham com essa diferença estanque entre o que acontece dentro do indivíduo e fora dele. Para os cognitivistas, interessa explicar como os conhecimentos estão estruturados em sua mente e como são acionados para resolver problemas pelo ambiente. O ambiente seria, portanto, apenas um meio a ser analisado e representado internamente, ou seja, uma fonte de informação para a mente individual [...]. Isso quer dizer que muito da cognição acontece fora das mentes e não dentro delas. Melhor dizendo, isto significa que não é simples determinar o ponto em que a cognição está dentro ou fora das mentes: o que existe aí é uma inter-relação complexa [...].

Para essas autoras, estudar a cognição de forma situada parece ser fundamental para dar uma explicação desses fenômenos, no caso de não se considerar a cognição como fenômeno social.

As autoras acima citadas afirmam (1993, p. 280):

É a natureza essencialmente situada da cognição que pode ajudar a explicar, por exemplo, como os indivíduos podem ter desempenhos profundamente desiguais em tarefas que seriam abstratamente descritas do mesmo modo, mas se realizam em situações sociais diferentes.

Na experiência que tivemos com a pesquisa realizada com os cinco alunos, pudemos perceber os diferentes graus da cognição entre os mesmos, os quais, após as discussões sobre os resumos dos textos lidos, alguns se destacaram nas discussões, mostrando assim, que em uma só tarefa comum a todos os elementos do grupo, as progressões das ideias não foram as mesmas. Acreditamos que essa cognição situada

inclui os conhecimentos prévios que cada aluno do grupo tem em suas experiências individuais com outros textos.

Mesmo que haja uma explicação para desempenhos diferentes em uma mesma tarefa, a cognição, segundo Koch e Lima (1993, p. 280), “é um fenômeno situado e social porque as ações se realizam em situações sociais diferentes”.

Entre os seres humanos é possível dividir com o outro, conhecimentos, experiências, decisões e isso pode acontecer em eventos, reuniões e outras situações em que as ações são compartilhadas entre os participantes ou pessoas que fazem parte de uma certa comunidade acadêmica. A esse movimento dinâmico, que inclui troca de experiências, tidas como comuns pelos membros da comunidade, segundo Koch e Lima (1993, p. 282),

numa interação face a face, por exemplo, inclui-se como conhecimento partilhado o que pode ser visto e ouvido pelos interactantes, o ambiente físico, os objetos e pessoas circundantes, ou seja, o contexto físico e perceptual imediato ao evento.

Descrever o que seja conhecimento partilhado é explicar como as ações conjuntas podem envolver a coordenação de mais de um indivíduo para a realização de uma determinada tarefa, para troca de experiências como novo conhecimento partilhado.

A esse respeito, Tomasello (1999, p. 282) sugere que:

Esse reconhecimento do outro como ser intencional é o que permite que procuremos agir nos estados intencionais desse outro. A forma mais simples de fazer isso é atrair a atenção do outro, o olhar do outro para algum alvo do nosso interesse, seja com gestos ou palavras.

Isso acontece sempre na vida real. Estamos sempre compartilhando desse conhecimento com a finalidade de realizarmos ações que jamais seriam desenvolvidas de forma individual e, por isso, somos capazes de atrair a atenção dos outros para aquilo que nos interessa.

De acordo com Koch e Lima (1993, p. 284), “uma ação conjunta é caracterizada pela existência de finalidades comuns, como jogar uma partida de futebol, realizar uma transação comercial, fofocar ou até brigar”. Essas ações, além

de ter objetivos comuns, são dinâmicas, flexíveis e variam dependendo da interação. Umas são mais ritualistas, outras mais abertas. Como exemplo, podemos citar a pesquisa realizada, em que as ações de interação foram compartilhadas através das discussões sobre os resumos dos textos e aqui acolá entravam nas discussões outras conversas espontâneas. Usando o método da observação, procuramos orientá-los no sentido de que o foco das discussões seria os textos lidos para o objetivo principal, que seria a construção de uma produção final.

Segundo as autoras (1993, p. 292-4):

Compreender textos depende sempre, então de uma grande parcela de conhecimentos partilhados [...]; textos são também fontes fundamentais para a circulação e construção de conhecimentos partilhados entre indivíduos, sendo uma das mais importantes e centrais formas de cognição social e de organizadores do conhecimento de uma dada cultura.

Para os teóricos do sociocognitivismo, os estudos do texto é um dos temas mais importantes para compreender como o sentido pode ser construído a partir da interação compartilhada. O sentido do texto é situado histórico e socialmente, envolvendo os diferentes níveis de linguagem e requer, por parte dos falantes, outras possíveis leituras ou conhecimentos chamados prévios. Conclui-se que nas discussões sociocognitivas, uns indivíduos podem ter maiores progressão que outros, em virtude desses conhecimentos prévios, que enriquecem a compreensão dos textos.

O percurso do cognitivismo para o sociocognitivismo é tomar como ponto de partida o de que mente e corpo não são entidades estanques; “a mente é um fenômeno corporificado e que os aspectos motores e perceptíveis, bem como as formas de raciocínio abstrato são todos de natureza semelhante e profundamente inter-relacionados” (KOCH e LIMA, 1993, p. 275).

Quanto à cognição humana, a posição de Tomasello (2003, p. 281) é no sentido de que

é uma forma específica, no sentido literal da palavra, de cognição primata. Os seres humanos compartilham com outros primatas a maioria de suas habilidades e seus conhecimentos cognitivos, incluindo tanto o mundo sensório-motor de objetos em suas relações espaciais, temporais, categorias e quantitativas, como o mundo social de co-específicos que interagem vertical (dominância) e horizontalmente (associação).

Isso significa dizer que, tanto os seres humanos como outras espécies de primatas, têm habilidades cognitivas e são capazes de utilizá-las quando surgem problemas tanto no campo físico ou no social. Logo, os humanos não são exceção, compartilham com outros primatas, habilidades cognitivas em todas as áreas, quando surgem problemas em algum domínio. Apesar desse nível de igualdade, o mesmo Tomasello destaca que os seres humanos possuem uma adaptação cognitiva exclusiva da espécie e daí veio o processo de evolução através de eventos genéticos e de seleção natural.

Segundo Tomasello (2003, p. 282), “essa adaptação consiste na capacidade e tendência dos indivíduos de se identificarem com co-específicos como agentes intencionais iguais a eles mesmos [...]”.

Essa capacidade, segundo o autor, de compreender os co-específicos, é resultado de uma nova forma de cognição social sempre que os indivíduos interagem entre si em habilidades exclusivamente humanas de aprendizagem cultural. O mesmo não questiona a questão da separação entre corpo e mente como o fazem os adeptos do cognitivismo como Chomsky e Lakatos (2007, p. 302-3). No entanto, afirma que: “Por outro lado, muitos teóricos supuseram que o que distingue a cognição humana da de outros animais é uma teoria da mente” (TOMASELLO, 2003, p. 287).

Esses teóricos, como vemos, ficam no plano da suposição. Mas Tomasello é categórico em afirmar que a diferença entre a cognição humana e não-humana só é percebida entre um e dois anos, com a aquisição da linguagem pela criança e outras aprendizagens de caráter cultural.

Os cientistas, para Tomasello, devem procurar estudar não só as igualdades entre os humanos, mas as diferenças. O mundo cultural humano não está livre do mundo biológico, isto é, corpo e mente não estão separados. A cognição adulta do ser humano é o produto de eventos genéticos que ocorreram ao longo de dezenas de milhões de anos no tempo histórico e no tempo ontogenético.

De acordo com o autor anteriormente citado (2003, p. 283):

Não se compreende plenamente a cognição humana sem considerar em detalhes seu desdobramento em três estruturas temporais distintas:

- no tempo filogenético;
- no tempo histórico;
- no tempo ontogenético.

Vejamos cada uma dessas estruturas. Quando ao tempo filogenético, é a capacidade que têm os seres humanos de compreender os co-específicos, ou seja, de compartilharem ações conjuntas, como comunicação, cooperação e aprendizagem social, sempre que os indivíduos interagem entre si.

Quanto ao tempo histórico, é a aprendizagem cultural, na qual o indivíduo acumula modificações ao longo do tempo. Por fim, o tempo ontogenético, que são as transformações sofridas pelos seres humanos, desde sua geração até o completo desenvolvimento da evolução individual. Logo, a ontogênese cognitiva humana é única, ou seja, desde o nascimento a criança possui elementos para se tornar adulto, pois tem o gene que precisa para viver num mundo cultural. É apenas uma questão no tempo histórico.

A conclusão a que Tomasello chega é a de que apenas os seres humanos envolvem-se numa aprendizagem cultural, o que é seguido por Bronckart.

Enquanto Tomasello aponta que a cognição humana é fruto do tempo fitogenético, histórico e ontogenético. Segundo Bronckart (2006, p. 82), citando Piaget, “a construção das operações cognitivas e do mundo objetivo é, portanto, primeira e parece se operar em uma relação de independência total do mundo social, das ações significantes e dos discursos significantes do ambiente”. Piaget concebe que o conhecimento parte primeiro do concreto, do que é manipulável, para depois aplicar as operações que ele chama de lógica, e afirma que o mundo da criança é um mundo sem história.

Verifica-se que, segundo Tomasello (2006), a criança desde o seu nascimento já interage com os adultos e através dessa interação ela vai se organizando e socialmente interagindo e apropriando-se dos signos até chegar ao estado de racionalidade adulta. Para o autor, o meio social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança. Para Piaget, o desenvolvimento da criança é interno e não sofre as influências do meio social, fato esse o qual ele não dá destaque.

Nesse sentido, Bronckart (2006, p. 83) afirma:

Desde o nascimento, o bebê humano é mergulhado em um mundo, de início social, em um mundo de atividade humana mediada pelas produções verbais (ou os discursos). Desde o nascimento, também, o ambiente humano intervém deliberadamente para integrar o bebê a essa atividade

verbal e não-verbal e é nesse quadro interativo que o bebê é confrontado com os objetos, ou, ainda, com o mundo no que ele tem de físico.

Verifica-se que, segundo o autor, a criança, desde o seu nascimento, já interage com os adultos e, através dessa interação ela vai se organizando e socialmente interagindo e apropriando-se dos signos, até chegar ao estado de racionalidade adulta. Ainda, segundo o autor, o meio social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Conforme o autor anteriormente citado:

A obra de Piaget, além de estar, evidentemente, articulada a outras motivações filosóficas e científicas, também se constitui, historicamente, apoiando-se nos movimentos da Escola Nova, que foi fundadora de um paradigma científico, o construtivismo genético, do qual retomaremos três contribuições essenciais de serem aplicadas às questões da educação/formação (BRONCKART, 2006, p. 182).

A obra de Piaget, apoiada nos movimentos da Escola Nova, é tida como um movimento de educação moderna, onde o protagonista do processo é o aluno como um sujeito de sua própria aprendizagem. Educadores como Freinet, Dewey, Decroly, Montessori, Claparède e muitos outros, contribuíram com o seu modo de ver o aluno capaz de construir e de criar. Viam essa criança como um organismo que age, precisando apenas ser incentivada.

Apesar de Piaget preocupar-se apenas de como nasce a inteligência, não se pode, segundo Bronckart (2006), negar as contribuições que o mesmo deu para as questões da educação e formação do indivíduo. Entre as contribuições, destacamos três. A primeira é quanto aos estágios de desenvolvimento da cognição, que são: o sensório-motor, que compreende o domínio do agrupamento dos deslocamentos; o segundo é do pensamento operatório concreto, onde a criança já organiza os números, já tem a ideia de quantidade, de volume, de peso, de classe e seriação; o terceiro é o estágio do pensamento formal, a partir dos 12 anos, em que a criança já é capaz de articular quatro operações: inversão, negação, reciprocidade e complementação. A segunda contribuição é tentar explicar a evolução da cognição a partir do mecanismo interno que é, sem dúvida, o biológico através do processo de assimilação e acomodação, onde no primeiro o indivíduo desenvolve ações e atribui significação. Na acomodação, o indivíduo tenta estabelecer um equilíbrio superior

com o meio, onde está sempre renovando seus conhecimentos. A terceira contribuição diz respeito ao desenvolvimento do funcionamento psicológico geral que inclui a cognição e a linguagem nas suas diferentes dimensões. Logo, para Piaget, em primeiro lugar, vem o desenvolvimento da inteligência que vai dar lugar à aprendizagem. Enquanto para Vygotsky é a linguagem que vai motivar o desenvolvimento da cognição.

Segundo Rego (1995, p. 102), “esta é a razão de se atribuir um papel de destaque à linguagem, já que é o sistema simbólico principal de todos os grupos humanos que se interpõe entre sujeito e objeto do conhecimento”. Como vemos, Vygotsky dá muita importância ao papel da linguagem que possibilita o desenvolvimento da cognição e permite o intercâmbio social entre os indivíduos.

Mesmo tendo dado essas contribuições para a educação e a formação do indivíduo, Bronckart (2006, p. 185) afirma que:

A nosso ver, três críticas essenciais podem ser dirigidas ao construtivismo piagetiano. Primeiramente, a exemplo do behaviorismo, essa concepção não considera os efeitos dos fatores histórico-econômico-social sobre as condições de elaboração e sobre o próprio conteúdo dos conhecimentos científicos [...]. Piaget se esquece da ênfase dada aos fatores sociais pela Educação Nova, a serviço da qual sua obra tinha sido construída [...].

De maneira geral, o construtivismo propõe uma leitura dos processos de desenvolvimento que permanecem sem história [...]. E se não há história em Piaget é porque não há, evidentemente, como falar do social.

Verificamos que as críticas que o autor faz ao construtivismo de Piaget começam pelo objetivo da Educação Nova, que tem uma nova visão do sujeito que aprende e cuja obra foi construída para ver o sujeito com os mesmos olhos. No entanto, Piaget não dando ênfase ao desenvolvimento a partir de fatores sociais, e somente ao biológico, para Bronckart, a sua contribuição não abre espaços para a educação no que diz respeito à formação do sujeito. A partir de uma perspectiva social, a posição de Bronckart (2006, p. 186) é a de que:

A concepção interacionista de desenvolvimento permite três grandes modalidades de elaboração dos conhecimentos, que leva a três tipos de conhecimentos/saberes, ao mesmo tempo disponíveis em cada humano e suscetíveis de serem o objeto de procedimento de formação. Os conhecimentos são elaborados principalmente no âmbito das atividades coletivas concretas [...]. A segunda modalidade se realiza no âmbito de textos que provêm de um gênero determinado e de uma língua natural particular [...]; terceira modalidade pelo jogo das abstrações e das

generalizações descritas por Piaget e assume, de certo modo, um caráter tendencialmente universal [...].

Quanto à primeira modalidade, diz respeito às atividades que os indivíduos realizam a partir das interações, ou seja, do conhecimento chamado por Koch e Lima de *compartilhados*, pois os conhecimentos que adquirimos devem estar a serviço das pessoas e da atividade coletiva. A segunda modalidade é um tipo de conhecimento explícito, marcado pela semântica que se refere ao sentido e pode ser qualificado de conhecimento tradicional, que tem sua história.

A terceira modalidade é também explícita, é objeto de um saber formal, ou seja, adquirido e reconhecido cientificamente.

Conclui-se, portanto, que os conhecimentos do ponto de vista de Bronckart é o mesmo de Koch e Lima. Não parte apenas do biológico, mas é fruto do saber fazer, isto é, são construídos na ação e pela ação que engloba três de tipos de relação: a relação da pessoa com a situação do seu agir; a relação da pessoa com os outros, compartilhando os conhecimentos e a relação da pessoa consigo mesma que, resumindo, seria levar o indivíduo a: saber relacionar-se, saber organizar-se no nível de um trabalho cooperativo e saber analisar-se, isto é, refletir sobre a sua própria prática.

Capítulo II

Capítulo II

REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

Dentre os diversos produtos da cultura, a língua é, sem dúvida, um dos mais importantes, pois é utilizada em grande parte dos nossos atos de comunicação. Antes de darmos alguns conceitos do que seja a língua, vamos refletir um pouco sobre ela. Acredita-se, hoje, que o papel da língua é cada vez mais importante nas relações humanas, razão pela qual seu estudo já envolve modernos processos científicos de pesquisa. Toda a nossa vida em sociedade é marcada pela comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua. A língua marca nossas relações diárias entre os membros da comunidade da qual fazemos parte.

Em todos os meios de comunicação, como a televisão, a imprensa, o rádio, o telefone e tantos outros a língua desempenha um papel preponderante, seja em sua forma oral, seja através do código escrito. É, portanto, através dela que nos constituímos como seres humanos e apreendemos nossa relação com o mundo.

2.1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA

Os estudos e concepções de língua variam conforme a corrente teórica e a época. Esses estudos atravessam hoje um período de transição. Apresentaremos algumas concepções da língua sob o ponto de vista de diferentes teóricos para o trabalho com o texto escrito, e adotamos, de início, a perspectiva sociointerativa de Marcuschi que, apesar de não ser um teórico da língua, mas adota essa visão (2008, p. 59):

De acordo com as diferentes posições existentes, pode-se ver a língua: a) como forma ou estrutura [...], posição assumida pela visão formalista; b) como instrumento de informações, sistema de codificação [...], posição assumida pela teoria da comunicação; c) como atividade cognitiva, ato de criação e expressão do pensamento típico da espécie humana (representada pelo cognitivismo); d) como atividade sociointerativa situada, a perspectiva sociointeracionista relaciona os aspectos históricos e discursivos.

Quanto à língua como estrutura, podemos citar Saussure e Chomsky, que costumavam tomá-la como código ou sistema de signos composto de vários níveis estruturais, como o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. Cada nível desses tem sua unidade correspondente e de um modo geral, não vai além da unidade máxima, que é a frase. Com relação à língua, vista na perspectiva de instrumento, a

posição não parece razoável, pelo fato de desligar a língua da sua característica mais importante, que é o seu aspecto cognitivo e social. Essa perspectiva é pouco útil, mas muito adotada pelos manuais didáticos, quando enfrentam problemas de compreensão textual.

Em relação à perspectiva cognitiva, limita a língua a instrumento simplesmente mental, sem procurar dar uma explicação do caráter social que a língua tem. Já a língua como atividade sociointerativa é vista como um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas, práticas essas nas quais os falantes agem e expressam-se através de ações nas circunstâncias as mais diversas.

Segundo Faria e Baracuhy (2009, p. 112), “o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outro, mais realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)”. Verifica-se que esse conceito de língua é visto por Bakhtin (1955) como uma concepção de linguagem, onde acontece o processo de interação, isto é, o agir através de ações conjuntas, numa relação com o outro. Esse outro é o sujeito que, fazendo uso da linguagem, constrói e transforma a realidade numa relação de co-participação, onde, segundo as autoras acima citadas (p. 113), “a língua como instrumento de interação social, com propósitos comunicativos, é co-determinada pela situação de comunicação”. Isto é, a língua precisa de um contexto para se realizar e se produzir através da escrita, por estar interligada à concepção de linguagem.

Acredita-se que a eficiência do ensino da Língua Materna não depende exclusivamente da complexidade (ou não-complexidade) dos conteúdos a transmitir, mas de uma metodologia apropriada, que torne as aulas de língua portuguesa agradáveis e eficientes. De um modo geral, os professores sentem-se impossibilitados de fazer mudanças significativas na forma de ensinar a língua, ou seja, fazer uma substituição do modelo tradicional gramatical, por um mais moderno e supostamente mais eficiente.

Ainda conforme Faria e Baracuhy (2009, p. 111), citando Neves, “aqui o ensino da língua e da escrita deve iniciar pela apresentação da gramática, cujo domínio conduzirá à produção escrita”.

Percebe-se que nessa citação, Neves (2000) coloca o domínio da gramática como pré-requisito para a produção da escrita, posição que acata o modelo

tradicional que dá ênfase ao ensino da gramática, quando ela pode ser trabalhada a partir do texto, de forma assistemática.

Resumindo, a Língua Portuguesa, como idioma, é vista como língua de países em evolução. O Brasil já se anuncia como celeiro do mundo, no tocante às mudanças no panorama brasileiro e chame a atenção da comunidade internacional para a necessidade do domínio da língua portuguesa, que é dinâmica, permitindo ao falante comum deslumbrar-se ante as inúmeras possibilidades formais que se apresentam no universo de uma língua. A língua é uma atividade interativa porque através dela comunicamo-nos e estruturamos nossos pensamentos, expressos através da linguagem, que não é fruto de um indivíduo isolado e sim de um indivíduo que realiza e atua numa relação com o outro.

2.2 A ESCRITA COMO PROCESSO DE INTERAÇÃO

Antes de darmos alguns conceitos da escrita, gostaríamos de explicar o conceito de interação no processo da escrita. Segundo Barzeman (2006, p. 11), “a escrita fornece-nos os meios pelos quais alcançamos outros através do tempo e do espaço para compartilhar nossos pensamentos, para interagir, para influenciar e para cooperar”. Como vemos, a escrita como processo de interação, nos fornece os meios pelos quais expressamos nossos pensamentos, nossas ações e nossas interações. Ela provê oportunidades de compartilharmos nossas experiências, a fim de nos tornarmos mais reflexivos e ponderados em nossas relações com os outros.

No momento em que escrevemos, apresentamos um universo dinâmico ao nosso interlocutor. São nossas palavras que negociam a interação desses momentos entre o que produzimos e o da recepção, ou seja, do leitor que irá ler o nosso texto. A conexão entre esses dois seres humanos, escritor e interlocutor, nos fazem compartilhar de um universo de ações.

2.3 CONCEITOS DE ESCRITA

Quanto ao conceito de escrita, trabalhamos inicialmente um conceito de Bazerman (2006, p. 13), que afirma: “A escrita nos ajuda a tornar real e forte nossa

presença num mundo social em que asseveramos nossas necessidades e nosso valor”; ou seja, é a escrita que marca nossa presença na vida social, porque através dela expressamos nossos desejos e intenções, isto é, tornamos públicos nossas necessidades.

De acordo com Marcuschi (2001, p. 64), “a escrita seria a forma de manifestação do letramento enquanto atividade de textualização”. Logo, a manifestação do letramento seria, por sua vez, a prática social do uso diário da escrita enquanto atividade textual.

Entre outros conceitos de escrita, vejamos a visão de Faria e Baracuh (2009, p. 111):

Pensar em escrita envolve lidar com um termo bastante polissêmico. A escrita pode ser entendida como uma tecnologia, enquanto uma nova habilidade desenvolvida por alguma sociedade; como uma forma gráfica e nela estariam todas as simbioses gráficas produzidas pela sociedade (cf. OLSON, 2000); como uma modalidade de realização da língua (cf. MARCUSCHI, 2001).

Percebe-se que nessa citação há três conceitos da escrita que se apresentam de forma diferente; como tecnologia, como forma gráfica e como modalidade da língua. Como tecnologia, segundo as autoras, é desenvolvida não por toda a sociedade, mas por algumas. Como forma gráfica, incluem-se todas as formas gráficas, tanto nas línguas naturais quanto nas artificiais; e, como modalidade, através da língua, tem-se os indivíduos realizando e expressando seus pensamentos.

Segundo Higounet (2003, p. 9-10), “a escrita é acima de tudo, um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia”. Este autor dá outros conceitos da escrita, ao afirmar que “a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas segundo a expressão de L. Febre ‘centuplicada’, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza”.

Ainda, segundo Higounet (2003, p. 10),

a escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das idéias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo.

De acordo com Bazerman (2006, p. 11): “A escrita nos permite uma semiprivacidade para enfrentar nossos pensamentos, memórias, emoções, como também nossos desejos para a criação de uma presença no mundo”.

Outro conceito da escrita é dado por especialistas como Edwards & Malay (1992), citado por Passarelli (2004, p. 80): “a escrita é um processo aparentemente desordenado que objetiva alcançar clareza”.

Diante da necessidade que temos de nos comunicar, a escrita nos fornece os meios para os discursos através de uma linguagem articulada, onde deixamos traços de nossa existência, nossos pensamentos, nossas ações e nossas intenções. Por ser uma linguagem silenciosa, permite-nos utilizar os nossos recursos internos e compartilharmos, tornando real a nossa forte presença num mundo social em que vivemos.

Quando os mesmos conceituam a escrita como um processo aparentemente desordenado, é no sentido de que os indivíduos inexperientes ao começarem a escrever, já começam a imaginar que estão cometendo erros; param, releem e ficam ansiosos de que sua escrita não esteja em ordem. Trata-se de uma estratégia que leva a prejuízos na escrita. É nesse momento que o professor pode ajudar o aluno, a fim de encontrar estratégias mais eficientes, pois, do contrário, o aluno tenta fugir dessa atividade. Só se aprende a escrever, escrevendo, não deve haver imposição por parte do professor, mas estímulos que leve o aluno a descobertas; do contrário as dificuldades não serão sanadas.

2.4 O QUE É ESCREVER?

A posição de autores, como Ferreiro (1985, p. 181) e Vygotsky (1984) é a mesma. Para Ferreiro desde a tenra idade:

Numa criança de classe média, habituada desde pequena a fazer uso dos lápis e papéis que encontra na sua casa, podem-se registrar tentativas de escrever –, diferenciadas das tentativas de desenhar desde a época das primeiras garatujas, ou antes ainda de (2 anos e meio ou 3 anos).

Já para Vygotsky (1995, p. 69), “a escrita é um processo complexo que é iniciado pela criança muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras”.

Logo, para ambos, a escola não é a única responsável pelo aprendizado da escrita, como acredita a linha tradicional, de que a escrita é uma transposição da fala. Desde a mais tenra idade, a criança, na sua casa, já faz uso do lápis e do papel e já faz traços ondulados do tipo cursivo, dos pequenos círculos, riscos verticais, e, a partir desse momento, já existe escrita para a criança.

Segundo Vygotsky (1984, p. 142), na pré-história da escrita, “os gestos são a escrita ao ar, e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados”. O desenvolvimento da escrita ou do ato de escrever é um processo histórico que começa com os gestos, os desenhos, os rabiscos, através dos quais a criança dá um significado como uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade essa que o levará diretamente à linguagem escrita.

Conforme o autor (1984, p. 141):

A primeira tarefa de uma investigação científica é revelar essa pré-história da linguagem escrita; mostrar o que leva as crianças a escrever; mostrar os pontos importantes pelos quais passa esse desenvolvimento pré-histórico e qual a sua relação com o aprendizado escolar. Pode-se concluir que o desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças se dá pelo deslocamento do desenho de coisas para o desenho de palavras.

Em que consiste o ato de escrever? A escola é talvez o único lugar onde se escreve, muitas vezes, sem motivo. Certas atividades da escola representam um puro exercício de escrever. Antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser sua utilidade e, a partir desta, programar as atividades adequadamente. A maneira como a escola trabalha a escrita, leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita, porque a atividade lá se transforma em ato mecânico de se desenhar letras ou palavras.

De acordo com Cagliari (1989, p. 102), “escrever é também uma forma de expressão artística e até um passatempo”. Entendemos por expressão artística aquela que expressa os sentimentos espontâneos da criança na arte de escrever, pois cada um tem seu estilo próprio de escrita, sua visão de mundo, da vida, de maneira objetiva e direta. O que acontece com a escrita, ainda em muitas escolas, é a imposição de um modelo, sem possibilidade para descobertas de cada criança, que se limitam, como tarefa, a fazer cópias, num verdadeiro exercício de treinamento manual. Se escrever é também um passatempo, é aquela escrita tida como divertimento, mas que tem um

caráter de trabalho, não concebido como o dever escolar repetitivo e enfadonho; mas deve ser o contrário, a escrita deve ser o resultado do esforço interessado e prazeroso da criança.

Quanto ao ato de escrever em um nível mais elevado, a atividade assume outra perspectiva. Marcuschi (2005, p. 10-12),

sustenta que escrever é como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal [...]; escrever é uma atividade que exige movimento para o outro, definido esse outro como seu interlocutor [...]. Ninguém escreve sem destinatário [...]; escrever é sempre escrever textos.

Ao construir um texto, o aluno vivencia esse intercâmbio, ou seja, essa prática de interação entre ele como autor e o leitor; e o significado do texto é dado numa construção coletiva entre o que escreve e o que lê, através das múltiplas visões do homem e do mundo. Ao interpretar o texto, é estabelecido um diálogo entre leitor e autor e sua leitura crítica é fundamental à prática da produção escrita.

Em virtude de o conceito de escrever ser bastante amplo, levando o indivíduo a ações diversificadas, bem como a recorrer a outros textos como fonte de pesquisa. Vejamos cada um desses conceitos, segundo Antunes (2005, p. 28-30; 32-35),

Escrever é como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal [...]. Escrever, na perspectiva da interação, só pode ser uma atividade cooperativa [...]. Escrever, a outros e de forma interativa, é, pois, uma atividade contextualizada [...]. Tal como falar, escrever é uma atividade necessariamente textual [...]. Escrever é uma atividade tematicamente orientada [...]. Escrever é uma atividade intencionalmente definida [...]. Escrever é uma atividade que envolve, além de especificidades linguísticas, outras pragmáticas [...]. Escrever é uma atividade que se manifesta em gêneros particulares de textos [...]. Escrever é uma atividade que retoma outros textos [...]. A escrita é uma atividade em relação de interdependência com a leitura [...].

Tentaremos dar uma explicação sobre cada um desses conceitos. Escrever como ato interativo significa agir com o outro, dar-lhe alguma informação, trocar ideias; escrever como atividade cooperativa, envolve não só o sujeito que escreve, mas o sujeito que irá ler o texto. Logo, escrever é para alguém que vai interpretar e dá sentido ao que escrevo. Para essa atividade cooperativa, tudo tem que se ajustar, desde o grau da linguagem ao nível do vocabulário e outras particularidades, do contrário, a escrita se reduz ao ato mecânico, através do qual se escreve de qualquer

maneira, sem um determinado fim. Escrever como atividade contextualizada, significa dizer que, para cada momento, escrevo de forma diferente, em contextos diferentes e com propósitos diferentes. Escrever como atividade necessariamente textual, significa dizer que só nos comunicamos através de textos, ou seja, não usamos frases soltas, mas juntamos palavras coesas e coerentes para dizer o que precisa ser dito.

Escrever, como atividade orientada, significa que, em qualquer texto que se pretenda desenvolver há um tema, um começo e um fim. Escrever como atividade definida é com um determinado fim para alcançar um objetivo, ou seja, uma forma de fazer, de agir e de atuar. Mas, na escola, normalmente se escreve para avaliar e dar uma nota ao aluno. Este mesmo aluno não é estimulado, mas cobrado para cumprimento de uma tarefa. Escrever como atividade de especificidades linguísticas e pragmáticas. Como especificidades linguísticas, diz respeito a como pronunciar o português, como falante até o conhecimento do vocabulário e das regras gramaticais.

Quanto à especificidade pragmática, inclui todas as particularidades do texto e das condições do contexto em que é escrito. Escrever é uma atividade que se manifesta em gêneros particulares de texto. Para cada tipo de texto, há um esquema próprio. Para uma carta, por exemplo, já é um modelo; para um requerimento há outro e, assim, dependendo do gênero, o modelo varia. Escrever é uma atividade que retoma outros textos. É normal que, ao escrevermos um texto, recorreremos a outras fontes e usemos a palavra do outro. Nosso texto vai sendo construído a partir de nossos conhecimentos e daquilo que ouvimos ou lemos de outros. A palavra que dizemos não é nossa e nunca é inteiramente original. Se lemos, é o que o outro escreveu, e se escrevemos, é para o outro que vai ler. Em qualquer um desses momentos, não estamos sós, há sempre alguém conosco. Por fim, a escrita é uma atividade de interdependência com a leitura. O ato de escrever se completa com a leitura, que é a base para a escrita e esta também guarda dependência em relação à própria fala.

De acordo com Silva e Melo (2006, p. 30),

escrever constitui, então, um modo de interação social entre as pessoas. Quem escreve, escreve sabendo para que e para quem está escrevendo, isto é, tem sempre uma finalidade e um interlocutor, ainda que essa escrita destine-se a si mesmo.

Como vemos, ao escrevermos no dia a dia, escrevemos em situações de interação, onde expressamos os nossos pensamentos com o propósito de mantermos relações entre as pessoas, convidando-as para um aniversário, para uma reunião, para qualquer compromisso ou para nós mesmos. Em suma, a escrita tem sempre uma finalidade.

Ainda, segundo Silva e Melo (2006, p. 18), “escrever é assim uma tarefa complexa, na qual é preciso considerar vários aspectos ao mesmo tempo, o que, conseqüentemente, envolve diversas demandas cognitivas”. Os vários aspectos que devem ser considerados no momento da escrita, estão no campo psicológico como: gerar, selecionar e organizar ideias; fazer um esboço para a primeira versão; revisar; e editar para a versão final. Isso significa dizer que, antes de escrever, é preciso refletir, e durante todo o ato de escrever, assim como nas leituras e reescritas do texto.

Para Passarelli (2004, p. 81-2), “a competência para escrever advém da quantidade e essa competência é obtida inconscientemente”.

Verifica-se que a autora dá ênfase à competência para escrever e à quantidade de leitura que o indivíduo tem. A mesma, citando Krashen “adverte que apenas a competência não é suficiente, pois um indivíduo pode ser competente e incapaz de demonstrar que o é”. E, continua, “ser competente é ter conhecimento sobre o processo [...]. Nesse caso, está presente a importância da prática; embora ela não contribua para o desenvolvimento da competência, auxilia o desempenho” (2004, p. 22).

O conhecimento sobre o qual o processo implica, antes de escrever, organizar as ideias e planejar a escrita, dividindo-a em etapas. Até os grandes escritores fazem uso dessa prática quando querem elaborar um texto escrito, e dessa forma terá um melhor desempenho na produção final.

Portanto, faz-se necessário que o professor procure criar condições em sala de aula para fazer com que o aluno tenha prazer em escrever e não ter essa atividade como um fardo. O aluno precisa ser informado de que é importante fazer seus rascunhos, pois até os grandes escritores o fazem, em virtude de saber que nenhum texto é feito numa primeira e única versão.

Não se pode jogar a culpa só no aluno pela dificuldade que esse sente em escrever. Muitos fatores pesam para essa dificuldade, sobretudo nas escolas públicas, como: a falta de apoio e incentivo ao professor por parte da direção da escola, os baixos salários dos professores, a formação dos mesmos, as poucas condições da escola em relação ao material didático, a pouca escolaridade dos pais, a falta de salas de leitura em algumas escolas e, mais ainda, a falta de estímulo ao aluno sobre a importância da leitura, bem como a falta de iniciativa do professor e de uma boa dose de imaginação para fazer diferente a sua prática, saindo do conformismo e rompendo as barreiras que o sistema lhe impõe.

Nessas instituições, a transmissão do saber é um saber pronto, pelo qual o estudante sente-se tolhido e passivo, sem liberdade de dizer a sua palavra.

A escrita, antes de ser um objeto escolar, é um objeto social, pois através da mesma nos comunicamos e transmitimos o que sentimos.

Silva e Melo (2006, p. 42) afirmam: “Acreditamos como Castelló (2002), que a concretização das atividades cognitivas implicadas na produção de textos é sempre dependente da situação comunicativa e do contexto em que essa atividade se desenvolve”.

Ou seja, as condições de produção de textos requerem que se considere a finalidade, o destinatário, o gênero textual, a situação de interação, porque para cada contexto, é possível se produzir um gênero textual.

2.5 A ESCRITA COMO PROCESSO

Falar da escrita como processo é mostrar que o ato da escrita envolve uma sucessão de estados ou mudanças que inclui etapas que vão do planejamento até a editoração.

Conforme Passarelli (2004, p. 82):

O processo da escrita é definido pelos pesquisadores de diversas maneiras. Para Edwards e Malay (1992), esse processo descreve um modo de pensar e aprender em relação à escrita [...]. A abordagem do processo enfatiza o ensino da escrita, levando em conta como o indivíduo escreve sobre o que interessa a ele.

Verifica-se que a escrita, vista como processo, é a sequência das etapas até o ato de escrever. Para escrever, selecionam-se as ideias de forma gradativa, revisa-se sempre o que se escreve e segue-se um ritmo de trabalho até considerar satisfatório o que se está escrevendo. Muitos aprendem o seu modo de escrever depois de muito esforço.

A escrita como processo é uma tarefa que deve ser realizada em etapas. Segundo Passarelli (2004, p. 89-94), para ensinar o processo da escrita, as etapas assim se configuram:

1ª etapa: planejamento - o ato de escrever propriamente dito é precedido de operações como seleção de informações e organização de ideias; **2ª etapa:** tradução de ideias em palavras. É quando as ideias levantadas passam para o papel, um trabalho que requer a atenção voltada à organização do texto ou unidades de base – os parágrafos – de acordo com alguns critérios para a sua construção; **3ª etapa:** revisão – embora fundamental na produção de um texto, a revisão é a etapa contra a qual os alunos se rebelam; **4ª etapa:** editoração: pressupõe alguns cuidados por parte do escritor, em virtude do caráter público, mesmo que relativo que o texto assume.

Vejamos cada uma dessas etapas. A do planejamento é uma etapa que, normalmente, não é utilizada. Para isso, se faz necessário um esquema ou esboço do que se quer escrever; é, portanto, uma forma de economizar o tempo. A segunda etapa é a fase na qual as ideias levantadas, em forma de resumo, ainda da primeira versão do texto, deve ter uma continuidade e todas as partes devem estar interligadas por conectivos. A terceira etapa, como o próprio termo define, é a revisão, ou seja, é ver de novo, onde o próprio escritor possa ser leitor de si mesmo, com a finalidade de tornar compreensível o seu primeiro rascunho. Finalmente, a quarta etapa, a editoração, que é tornar público o seu texto produzido.

Capítulo III

Capítulo III

GÊNEROS TEXTUAIS - CONCEITOS

Falar da escrita hoje é falar em gêneros. Começando com Bakhtin (2003, p. 293), como precursor dos gêneros discursivos, afirma: “Os gêneros do discurso não é uma forma da língua mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica a ele inerente”. Logo, cada gênero tem o seu estilo próprio, dependendo da situação comunicativa e, no contato da comunicação, as palavras ganham um significado dependendo da realidade e das circunstâncias em que o gênero é produzido. Segundo o autor (2003, p. 283),

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da função social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares [...].

Para que seja usada essa variedade de gêneros, é necessário um bom domínio dos mesmos nas diversas esferas da comunicação verbal, como por exemplo, fazer uma explanação numa conversa social e travar uma discussão científica etc.

Ainda segundo o autor (2003, p. 263), os gêneros textuais propõem duas categorias: primárias e secundárias.

A diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples e secundários – complexos) não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos, romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicitários etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito), artístico, científico, sociopolítico etc.

Em outras palavras, os gêneros secundários têm a sua origem nos gêneros primários. Como as situações de comunicação em nossa vida social são inúmeras, inúmeros são os gêneros textuais. É possível reconhecer como sujeito falante se o gênero é primário ou secundário. A maneira como é falado e a forma que é dada ao texto são possíveis identificar o gênero. Entre os gêneros primários, temos: a carta pessoal, o cardápio, a notícia etc. Já quanto aos gêneros secundários, temos: texto jornalístico, artigo científico, texto didático e surgem em circunstâncias mais complexas. O gênero é importante na medida em que vamos usá-los como forma de reconstruí-lo ou de produzi-lo. Nenhum é igual; as estruturas são diferentes. Ser

capaz de identificar o gênero é um dos primeiros passos para uma competente leitura do texto.

Marcuschi (2008, p. 155), afirma: “Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricossociais, institucionais e técnicas”. Como vemos, os gêneros são específicos, têm a sua função social como rotinas comunicativas das instituições que, por sua vez, estabelecem relações de poder.

Outro conceito do autor é que “os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (2008, p. 155). Como práticas discursivas, os gêneros não mudam facilmente, mas são como já afirmamos, rotinas comunicativas na história da humanidade e no seu envolvimento social. Não podemos tratar do gênero fora da realidade social e de sua relação com as atividades humanas.

Segundo Bazerman (2006, p. 21),

gêneros são formas de vida, modos de ser [...]; gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar”.

Sabe-se que essas formas de vida são os ambientes que criamos para interagirmos e compartilharmos nossos pensamentos formados e as comunicações através das quais nós agimos com as outras pessoas. Os gêneros, da forma como são percebidos e usados pelos indivíduos, tornam-se parte de suas relações sociais e de suas ações comunicativas.

No nosso dia a dia precisamos fazer uso da comunicação para satisfazer nossas necessidades em circunstâncias as mais diversas e em contextos diferentes. Para isso, produzimos gêneros como: a carta, o telegrama, a notícia e outros tipos de gêneros escritos, possuindo cada um importante papel e propósito comunicativo diferente. No domínio educacional, esses gêneros devem ser explorados desde o ensino fundamental até o nível superior e cabe aos professores oferecer as condições

necessárias desse trabalho em sala de aula, já que é uma exigência dos PCNs para a formação de cidadãos capazes de utilizar a escrita em condições diversas.

O professor, desde o ensino fundamental, deve explorar esses gêneros como ações concretas de comunicação, para uso do aluno que precisa aprender a produzir dentro e fora da escola.

Observa-se que esses gêneros circulam socialmente e o aluno precisa conquistar a intimidade de saber produzir todo tipo de gênero em circulação. Sendo assim, podemos afirmar que os gêneros são tidos como parte de processos das atividades organizadas da sociedade, ou seja, são o modo como os seres humanos dão forma às atividades usadas no nosso dia para compartilhar fatos de interação entre as pessoas.

O estudo dos gêneros textuais não é tão novo como se pensa. O que acontece hoje é que se tem uma nova visão desse tema. Inúmeros são os trabalhos realizados nessa área que nos fornecem leitura, informação, formação e alternativas de trabalho.

3.1 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DOS GÊNEROS

Os estudos linguísticos tiveram seu início há mais de 2.500 anos, na Índia. Segundo Marcuschi (2008, p. 26-147), “as motivações religiosas e políticas sempre foram as que mais moveram os estudos linguísticos ao longo de toda a história até o século XX”. Na Grécia Antiga, o estudo dos gêneros já tem pelos menos vinte e cinco séculos e iniciaram-se com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX.

Quanto ao surgimento dos gêneros numa primeira fase, sabe-se que povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gênero.

Numa segunda fase, após a invenção da escrita alfabética no século VII a.C., os gêneros textuais se multiplicam surgindo uma variedade de gêneros típicos da escrita. Vem, portanto, uma terceira fase, a partir do século XV, com o desenvolvimento da cultura impressa e o avanço da industrialização, iniciada no século XVIII, dando lugar a uma grande ampliação dos gêneros, sobretudo, com a fase denominada cultura eletrônica, quando surgem o telefone, o gravador, o rádio, a

TV, o computador e, por fim, a Internet. Nesta presenciemos uma grande explosão de novos gêneros, como: da cultura literária ficcional, de documentos e memorização das ações humanas, da discussão de problemas sociais controversos, da transmissão e construção de saberes e das instruções e prescrições.

Na história do surgimento desses novos gêneros, eles se desenvolveram e se caracterizaram por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Cada um desses gêneros tem conceitos e formatos diferentes.

São contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-históricos, pragmáticos e caracterizados como práticas sociodiscursivas. Assim como eles surgem nas suas diferentes formas, podem desaparecer.

Como vemos, os gêneros textuais são inúmeros, dependendo da função de cada texto e das diferentes situações comunicativas que podem ser orais ou escritas.

Segundo Leal e Brandão (2006, p. 57),

discute-se a interessante proposta de progressão do ensino de Dolz e Schneuwly (1996), que se insere numa perspectiva sociointeracionista e está baseada na teoria dos gêneros textuais de Bakhtin. Esses autores propõem que, em cada grau escolar, os alunos participem de atividades de leitura, produção de textos e reflexão sobre a língua, envolvendo gêneros textuais selecionados entre cinco agrupamentos propostos, que garantem a diversidade de finalidades, esferas de circulação dos textos e de aspectos estruturais: (1) gêneros da ordem do narrar (conto de fada, fábula, lenda, romance, conto, crônica literária); (2) gêneros da ordem do relator (relato de experiência, caso, notícia, relato histórico, biografia...); (3) gêneros da ordem do argumentar (texto de opinião, carta do leitor, carta de reclamação...); (4) gêneros da ordem do expor (verbete, nota de enciclopédia, relatório científico, texto didático...); (5) gêneros da ordem do descrever ações (receita de culinária, regra de jogos, instruções de montagem...).

Em síntese, o trabalho com essa variedade de gêneros que pertencem a um mesmo agrupamento, nos diversos graus de escolarização, oferece condições para desenvolvimento da linguagem nas situações requeridas. De acordo com esses pesquisadores, um mesmo gênero pode ser trabalhado com objetivos didáticos diferentes, nos vários níveis de ensino.

É a forma como cada gênero poderá ser trabalhado que irá exigir habilidades mais ou menos complexas do aprendiz. O fato revelador é o de que, apesar da variedade desses gêneros, cabe à escola fazer uma seleção dos gêneros que mais

interessam aos objetivos que leve os alunos a uma progressão significativa da produção dos mesmos.

Sabe-se que nos últimos dois séculos, as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, abriram espaços para o surgimento dos novos gêneros textuais.

No entanto, não são propriamente as tecnologias que originam os gêneros, mas a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.

O certo é que esses novos gêneros têm a sua base em outros gêneros anteriores.

De acordo com Marcuschi (2007, p. 20):

O fato já fora notado por Bakhtin (1997), que falava na transmissão dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras mas não absolutamente novas.

Verifica-se que, quanto à transformação de um gênero antigo para um novo, já havia sido percebido por Bakhtin desde 1977. Logo, os novos gêneros não surgem por acaso, têm apenas uma roupagem nova graças aos grandes suportes da tecnologia. É a mesma situação que acontece com o texto que produzimos, há sempre uma retomada a outros textos já produzidos, a que chamamos de intertextualidade.

Se precisamos nos comunicar, isso só é possível por meio de algum gênero ou texto.

3.2 DIFERENÇA ENTRE TIPO TEXTUAL E GÊNEROS

De acordo com Marcuschi (2007, p. 22), há uma diferença entre tipo textual e gênero textual:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: carta, reportagem, notícia, receita, resenha [...].

Quanto ao tipo textual, são enfatizados por diferentes aspectos como lexicais que diz respeito ao ordenamento interno das orações. Em relação aos aspectos sintáticos refere-se às construções das orações; quanto aos tempos verbais, geralmente devem estar no presente do indicativo, com predomínio da 1ª e 3ª pessoa, ou às vezes no imperativo; e, quanto às relações lógicas diz respeito às ideias do texto se têm progressão e estas coerentes.

Em se tratando dos gêneros textuais, a variedade é bem maior, isto porque, nos mesmos pode ocorrer o tipo textual, ou seja, acontece a narração, a descrição, a dissertação e a argumentação. Assim como têm estilos, conteúdos diferentes têm também funções comunicativas variadas.¹

De acordo com Marcuschi (2007, p. 30), “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”.

Logo, os gêneros são definidos por seus propósitos, ou seja, intenções e interesses que os seres humanos têm em se comunicar e não por suas formas. Em suma, refletem as estruturas sociais construídas historicamente e típico de cada cultura. Em princípio, a variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gêneros, mas somente um estudo intercultural é que pode nos levar a decidir sobre isto que afirmamos.

3.3 CONTROLE SOCIAL ATRAVÉS DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Não podemos omitir que os variados tipos de gêneros textuais são atividades de controle social e por que não dizer do poder. De acordo com Marcuschi (2008, p. 162),

¹ Essa mesma posição é defendida pelos autores Douglas Riber (1988), John Swales (1990), Jean-Michel Adam (1990) e Jean Paul Bronckart (1999).

desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social.

Em outras palavras, como seres humanos inseridos em uma sociedade letrada somos controlados em determinadas ações pelos gêneros discursivos que se constituem numa máquina poderosa do sistema. Ao produzirmos um determinado gênero como um artigo científico, fazemos uso de uma linguagem, onde exercemos um tipo de poder cujo domínio e manipulação não se pode fugir aos padrões de uma linguagem acadêmica.

O controle social é tão grande através dos gêneros que, dependendo do contexto, nosso gênero discursivo muda. Não podemos produzir um gênero da mesma forma em ambientes distintos, como, por exemplo: se estamos num circo, a linguagem textual é uma, na universidade é outra e, assim por diante.

Ainda, segundo Marcushi (2008, p. 162), “talvez seja possível defender que boa parte de nossas atividades discursivas servem para atividades de controle social e cognitivo”. Quando queremos exercer qualquer tipo de poder ou de influência, recorreremos ao discurso.

A linguagem suscita poder, e fazemos uso dela apenas para exercitar nossas cordas vocais, mas é um demonstrativo de que a linguagem é uma atividade sociointerativa que instaura poder e ordens na sociedade.

Segundo Meurer e Roth (2002, p. 12),

é responsabilidade central do ensino formal o desenvolvimento da consciência sobre como a linguagem se articula em ação humana sobre o mundo através do discurso ou como preferimos chamar, em gêneros textuais.

Ao estudarmos os gêneros podemos compreender com mais clareza o que acontece quando usamos a linguagem para interagir em grupos sociais e a maioria das pessoas não tem ideia do poder e do impacto da linguagem no mundo contemporâneo.

Além dos gêneros textuais servirem de controle social, eles são dinâmicos e circulam na sociedade como um dos aspectos mais fascinantes, pois mostram como a própria sociedade se organiza em todos os seus aspectos.

Segundo Marcuschi (2008, p. 22):

Vejamos um caso que nos mostra este aspecto da circulação dos gêneros mais simples, tais como “lista de compras e anotação de vendas”. Eles ajudam a estruturar toda a ação de uma comunidade sem problema algum e fazem toda a intermediação das práticas sociais.

Vale ressaltar que o prestígio da escrita, na circulação desses gêneros escritos, significa também, afirmar que os mesmos são indicadores de relações de poder numa sociedade letrada.

2.4 GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Decidimos trabalhar com o gênero artigo de opinião, explicar como ele se constitui e circula socialmente. Não podíamos exigir a produção desse gênero textual sem antes levar o aluno a conhecê-lo. Iniciamos com o conceito de Cabral (2009, p. 1), da Equipe Brasil Escola, que afirma: “O artigo de opinião é fundamentado em impressões pessoais do autor do texto e por isso são fáceis de contestar”.

Outro conceito discutido foi o de Geraldini (2008, p. 1), que afirma: “O artigo de opinião é um importante instrumento para a formação do cidadão”. Verifica-se que no primeiro conceito, o autor de um artigo de opinião defende sua posição com argumentos contundentes e com diferentes pontos de vista pessoais sobre a questão polêmica: como articulista é tido como autoridade no assunto e ao formar opinião sobre determinada polêmica, procura contribuir para esclarecer as causas e tirar deduções sobre a sua posição. Já um segundo conceito ressalta o artigo de opinião como instrumento importante para a prática da cidadania, porque é direito de todo cidadão poder avaliar os problemas que dizem respeito à sua família, seus negócios e à sociedade em que vive. Em suma, é dar ao cidadão o direito de ter voz.

A publicação dos artigos de opinião dar-se em jornais, revistas e Internet, sendo assinado por um articulista, cujo assunto está sendo discutido na mídia, imprensa, Internet ou televisão. Logo, o articulista, ao aprofundar os conhecimentos

acerca do assunto, procura provas, dados estatísticos com o fim de propor alguma alternativa para o problema levantado, ou seja, ele reflete a respeito de uma solução para a polêmica. A questão em discussão, segundo Geraldini (2008), é porque no artigo de opinião há pontos de vista diferentes sobre o assunto discutido e sem essas diferenças não há polêmica. Logo não existe artigo de opinião.

Conforme Geraldini (2008, p. 3-4), são vários os tipos de argumentos de um artigo de opinião: “a) o de autoridade; b) o de exemplificação; c) de provas; d) de princípio ou crença pessoal; e) de causa e consequência”.

Vejamos cada um desses argumentos.

Quanto ao tipo *autoridade*, o articulista procura sustentar sua posição através de argumentos convincentes. A voz utilizada nesse argumento não se refere apenas à palavra do indivíduo, mas a números estatísticos e a dados quantitativos ou qualitativos. Em relação ao argumento de *exemplificação*, o articulista ao relatar o fato, toma alguém como exemplo para aquilo que ele acredita válido defender. No tipo de *argumento de provas*, o articulista argumenta com dados que não podem ser refutados. O tipo de argumento como *princípios ou crenças* são aqueles valores éticos aos quais o articulista acredita.

O tipo de argumento de *causa e consequência*, é aquela afirmação da causa do fato e como consequência vai gerar outro fato.

De acordo com Penteado (1974, p. 205), as vantagens da argumentação são inúmeras e, dentre elas, citaremos algumas:

a) é um método através do qual o indivíduo pode avaliar os problemas que dizem respeito à sua família, seus negócios e à sociedade em que vive; b) é um meio de criar hipóteses e experimentar conclusões; c) é uma técnica de emitir argumentos e opiniões, com o objetivo de defender uma determinada posição; d) é um processo de análise e crítica de todos os meios de intercâmbio de opinião; e) é um instrumento poderoso com aplicações proveitosas na vida individual e na sociedade.

Quanto à vantagem de ser um método é porque é um caminho pelo qual se chega através dos argumentos a avaliar qualquer problema que nos envolve e se chega a um resultado. Em relação à vantagem de se levantar hipóteses, é porque essas podem ou não ser aprovadas como verdades. A vantagem de ser técnica é porque, como um conjunto de processos, podem ser levantados argumentos para

justificar opiniões do artigo, defendendo apenas uma posição. Quanto à vantagem como processo de análise e crítica, é porque na análise se tem o cuidado de examinar cada parte de um todo para se conhecer melhor a natureza do problema, levantando-se também críticas e verificando as diferentes posições de opiniões acerca do mesmo.

Por fim, a vantagem de ter argumentação como meio poderoso é porque a argumentação não deve ser uma luta entre duas pessoas, mas uma caçada a razão, na qual o conhecido ou envolvido devem se ajudar a descobrir a verdade, para o seu bem e possivelmente da sociedade na qual está ou estão inseridos.

Quanto a outras informações, acerca do artigo de opinião, podemos acrescentar que se vamos produzir um artigo de opinião devemos tomar uma posição, escolher quais argumentos utilizar diante da nossa posição tomada, buscar diferentes informações sobre o assunto para que nossos argumentos sejam confiáveis. Como, por exemplo, pontos de vista de diferentes autores; causas e consequências; exemplos de acontecimentos; colher informações também de âmbito nacional.

Para se produzir um artigo de opinião, necessita-se da identificação da questão polêmica, da tomada de posição que pode ser favorável ou contrária e dos argumentos que estarão ao longo do artigo, através de elementos articuladores que podem aparecer em uma única oração, com ideias complementares ou contraditórias. Para uso desses elementos articuladores, usamos expressões de indicação de certeza, de relação de causa e consequência, de probabilidade etc., de certeza, sem dúvida, está claro; de causa e consequência, porque, pois então; de probabilidade, provavelmente, ao que tudo indica etc. Há, portanto, inúmeros desses elementos articuladores que podemos fazer uso ao se produzir um artigo de opinião.

É necessário que, antes de escrever, obtenha-se o maior número de informações a respeito do assunto, ter outras posições, contrárias ou não. O autor do artigo deve também saber estruturar seu texto, começando com uma breve introdução, que não pode ter um parágrafo muito longo, mas precisando ser mais ou menos rápido para situar o leitor sobre o assunto. A seguir virá o desenvolvimento, onde o autor vai poder misturar suas opiniões com os dados que recolheu sobre o assunto. Essa parte do desenvolvimento também pede o raciocínio crítico do autor. Por fim, vem a produção escrita do artigo, a conclusão, feita com “dicas” do autor para que algo possa melhorar, ou seja, evitar a manifestação de muitos temores ou

um exagerado otimismo, o que não deixa de ser uma exaltação. O artigo pode também ser escrito sem essa divisão.

Após o trabalho, no tocante à parte teórica sobre o artigo de opinião e sobre a sequência didática, a qual deu suporte para a metodologia, procuramos fazer com que os cinco alunos de graduação em Letras, da UFPB, envolvidos na pesquisa, assimilassem todos os conteúdos como pré-requisitos para a produção escrita de um artigo de opinião. Os conteúdos foram discutidos em classe e distribuídos em forma de artigos, para que pudessem assimilar e terem condições de produzir o artigo.

Vale ressaltar que, no plano da linguagem, o ensino dos diversos gêneros textuais que, socialmente circulam entre nós, não somente amplia sobremaneira a competência linguística dos alunos, mas também lhes aponta inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter, fazendo uso da linguagem.

Já no plano do ensino-aprendizagem de produção de texto, isso equivale a dizer que o conhecimento e o domínio dos diferentes tipos de gêneros textuais, por parte do aluno, não apenas o prepara para eventuais práticas linguísticas, mas também ampliam sua compreensão da realidade, apontando-lhe formas concretas de participação social como cidadão.

Lendo e produzindo diferentes gêneros que circulam socialmente, o aluno não apenas aprende o conteúdo, a estrutura e a linguagem deles, mas se apropria também de informações a respeito da situação de produção e do estilo de cada um desses gêneros. Aprende também a finalidade comunicativa de determinado gênero, o tipo de situação social em que é produzido e o perfil do interlocutor etc.

Como já afirmamos, para que se trabalhe um determinado tipo de gênero, se faz necessário que o aluno tenha conhecimento teórico daquele gênero que vai ser produzido. Como futuros professores de Língua Portuguesa, os alunos envolvidos nesta pesquisa, deverão pôr em prática todas essas considerações levantadas a respeito da produção de qualquer gênero.

Em suma, o ensino da produção de texto, feito por essa perspectiva, não despreza os tipos textuais tradicionalmente trabalhados como a narração, a descrição e a dissertação. Ao contrário, incorpora-os numa perspectiva mais ampla, de variedade de gêneros. O ensino variado dos gêneros amplia e enriquece a capacidade

dos alunos de produzirem textos, mas também aprimora sua capacidade de recepção, isto é, de leitura/audição, compreensão e interpretação dos textos.

Quanto às características do gênero artigo de opinião, temos: a estrutura, o conteúdo e o estilo. Em relação à estrutura desse gênero, para um bom artigo de opinião temos que: “para saber estruturar bem seu texto, comece com uma ideia geral, de sentido comum, algo que todos já sabem, para que o leitor possa ter intimidade com o assunto” (CURSO ANGLO, 2009, p. 1). Essa ideia ou tipo de frase faz parte da introdução do texto. Em seguida na estrutura do texto virá o desenvolvimento que, em outras palavras, deve conter o conteúdo do texto. Nessa parte, pode entrar o raciocínio crítico do autor do texto e sua posição com argumentos contundentes. Finalmente, a última parte dessa estrutura é a conclusão, que pode ser feita com dicas do autor do texto.

Por último, vem a questão do estilo que, segundo Bakhtin (2003, p. 283), “toda uma série de gênero sumamente difundido no cotidiano é de tal forma padronizada que a vontade discursiva individual do falante só se manifesta na escolha de um determinado gênero e, ainda por cima, na sua entonação expressiva”. Cada tipo de gênero do discurso tem um estilo próprio em função da situação, das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da situação. Cada gênero em particular tem seu estilo e sua composição. Com isso, a necessidade de dominar bem os gêneros para poder empregá-los livremente e também produzi-los. O domínio do gênero artigo de opinião inclui desde a descoberta de quem é o autor, em que ele é especialista, qual a questão polêmica, qual a posição do autor a respeito da polêmica, quais os argumentos que usa para justificar sua posição, que tipo de argumento usa e se o autor propõe alguma alternativa para o problema levantado, ou seja, se reflete acerca de uma solução para a polêmica. Como vemos, na análise de um artigo de opinião, além das características levantadas, deve-se considerar todos esses elementos descritos para se produzir um bom gênero.

2.5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Após a explanação teórica sobre o artigo de opinião, distribuímos outro texto sobre sequência didática, que norteou toda a metodologia da pesquisa.

O texto, em si, fornece aos alunos os elementos necessários para a compreensão da produção de textos em sala de aula.

Procuramos, de início, conceituar o que é uma sequência didática que, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 97) “é um conjunto de atividades em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Sabe-se que a finalidade de uma sequência didática é subsidiar o aluno a dominar melhor um gênero, oferecendo-lhe oportunidade de poder escrever ou falar de forma mais adequada em uma situação de comunicação. Vale destacar que o uso da sequência didática serve também para dar aos alunos a prática de linguagens novas que ainda não dominam.

A sequência didática tem uma estrutura de base que pode ser assim esquematizada:



Após apresentarmos o projeto de maneira detalhada, explicamos para os alunos os objetivos da pesquisa, que era a de desenvolver habilidades sociognitivas a partir das discussões.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 99),

a situação de apresentação visa expor aos alunos um projeto de comunicação que será realizado “verdadeiramente” na produção final. Ao mesmo tempo, ela os prepara para a produção inicial que pode ser considerada uma primeira tentativa de realização do gênero que será em seguida trabalhado nos módulos.

Após a apresentação da situação, partimos para a etapa da produção inicial. Através desta, os alunos deverão ser capazes de produzir um texto oral ou escrito, respondendo à situação dada, mesmo que não dominem todas as características do gênero solicitado, o artigo de opinião. Em seguida vem o trabalho com os módulos que visam trabalhar

os problemas que aparecem na primeira produção é dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los [...]. O movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o simples; da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessária ao domínio de um gênero. No fim, o movimento leva novamente ao complexo: a produção final (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 103).

Como vimos, o trabalho com os módulos, em poucas palavras, visa sanar as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Para os autores, o complexo é a produção inicial e o simples são os módulos que, através de atividades devidamente organizadas, os alunos podem sanar as dificuldades de: acentuação, pontuação, concordância, coerência e coesão. E, ainda, eles destacam que, uma vez sanadas as dificuldades, o aluno partirá para a produção final, o que eles consideram também complexa.

No que se refere à “última etapa”, a produção final, que, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 106) poderá ser assim entendida: “A sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”.

Nesse processo, verifica-se que nessa etapa final da sequência, o pólo central é o aluno, porque, uma vez sanadas as dificuldades, poderá concluir se os alunos atingiram os objetivos e, ao mesmo tempo, se tiveram um controle sobre sua própria aprendizagem. Isto, ao revisar, avaliar e reescrever seu texto solicitado. O professor pode, ao analisar o texto da produção inicial e da produção final, fazer a comparação e verificar se houve progresso no domínio trabalhado, bem como pode fazer uma avaliação somativa ao longo da sequência, permitindo retornar a pontos mal assimilados.

Capítulo IV

Capítulo IV

METODOLOGIA

Esta pesquisa nasceu do interesse de verificar as contribuições sociocognitivas com alunos, em especial, da UFPB. Quanto à escolha dos alunos, foi da responsabilidade da nossa orientadora. Os mesmos eram alunos dela, da Graduação, do período 2009.2. Não houve nenhum critério para a escolha desses alunos. A orientadora, em classe, falou da pesquisa que estava orientando e que precisava de um grupo de alunos que se dispusesse, de forma voluntária, a participar da pesquisa. Cinco dos seus alunos aceitaram o convite, cujos encontros seriam as sextas-feiras, na Central de Aulas, sala CAC – 104, no horário das onze às doze horas.

A escolha do gênero *artigo de opinião* deu-se pela adequação ao nível dos alunos que pertencem ao 3º grau e à linha vinculada ao papel geral da Universidade.

O primeiro encontro deu-se no dia três de julho de 2009, no período 2009.2, com a apresentação do projeto, oportunidade em que foram explicados os objetivos da pesquisa. Explicamos para o grupo, composto por cinco alunos, sendo quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, que seriam levantadas duas hipóteses, possíveis ou não de serem provadas. A primeira hipótese foi se o grupo iria se envolver e ter consciência do valor das discussões para a produção escrita. A segunda foi se o grupo não valorizava as discussões coletivas para a produção escrita. Adiantamos que num primeiro momento não iriam surgir essas discussões, e sim após a leitura do terceiro texto sobre o *Papel da Universidade*.

No segundo encontro, foi distribuído um texto sobre o *artigo de opinião* e, em seguida, a discussão dele, com a finalidade de fazer com que os alunos conhecessem a parte teórica desse gênero para poderem produzi-lo.

No terceiro encontro mais um texto foi distribuído. Nesse caso, sobre sequência didática, para que os alunos tivessem conhecimento sobre as etapas da pesquisa, uma vez que o conteúdo do texto serviu para nortear toda a pesquisa. Ainda, nesse terceiro encontro, iniciamos a segunda etapa da sequência didática, solicitando desses alunos, como produção inicial, um texto sobre o *Papel da universidade*, sem nenhuma leitura dos textos, com a finalidade de diagnosticarmos o grau de informação do grupo sobre o tema proposto.

No quarto encontro, a etapa seguinte da sequência, foi a de distribuir um primeiro texto, de autoria de Rossi (1983, p. 185), da Folha de São Paulo, datado de

25 de março, sobre o *Papel da universidade*. Solicitamos que, após a leitura do texto, cada aluno fizesse um resumo e guardasse. No quinto encontro, dando continuidade à sequência didática, distribuimos o segundo texto, cuja temática foi o *Papel da universidade no processo de formação humana: perspectivas e projeções* (BAZZO, J. L. S, 2007, p. 1-3). Após a leitura do referido texto, foi elaborado também um resumo. No sexto encontro, foi distribuído um terceiro texto, cujo tema foi o *Papel da universidade diante do contexto atual: uma questão de responsabilidade social*, de Maiseichyk e Biazús (2001, p. 1-2). Após a leitura desse terceiro texto, pedimos que fizessem o resumo.

Por fim, nesse encontro, pedimos que os alunos formassem um grupo para as discussões dos três textos, já lidos e resumidos, e que fizessem um levantamento das ideias mais importantes dos resumos feitos para a organização do texto a ser elaborado como produção final. Feito o levantamento das ideias e a seleção do vocabulário, discutiram bastante sobre o conteúdo de cada texto, destacando o foco de cada um.

Após as discussões e os levantamentos, pedimos que, individualmente, fosse elaborado um texto como produção final, para verificarmos se houve desenvolvimento das habilidades cognitivas, no campo psicológico da atividade intelectual do processo de produção.

Nas discussões interativas, entre os elementos do grupo, percebemos que, ao compartilharem os conhecimentos, acerca dos textos lidos e resumidos, foi possível perceber a interação entre os falantes e observar a evolução do grupo com relação ao desenvolvimento das habilidades, acima citadas para produzirem um bom artigo de opinião como produção final.

Diante disso, podemos afirmar que procuramos oferecer as condições necessárias, sobretudo, no nível teórico, para que os alunos tivessem familiaridade com o gênero a ser produzido.

No penúltimo encontro, tivemos a duração de três horas, em virtude de o grupo já estar em férias da graduação.

No sétimo e último encontro, aplicamos os questionários, e todos foram unânimes nas respostas sobre as discussões e a importância das mesmas para a aprendizagem sociocognitiva.

Durante todas as etapas da sequência, foi possível fazer uma avaliação com relação ao grau de interesse de cada participante nesta pesquisa. Isso significa dizer que a avaliação deve ser vista como um processo de acompanhamento, que permite detectar as dificuldades e, a partir dessas apoiar e sugerir esforços para ir adiante, levando em consideração o ritmo próprio e os interesses de cada um, sem, no entanto, esquecer o aspecto do crescimento coletivo diante das discussões que tiveram acerca dos textos lidos e resumidos.

Depois de aplicados os questionários, fizemos uma avaliação somativa, procurando analisar as múltiplas dimensões do processo avaliativo em seus aspectos qualitativos, fortalecendo a capacidade de cada aluno e reforçando os aspectos positivos desses alunos, como interesse, participação, responsabilidade. Avaliação foi chamada de apreciativa, que nos ensina a ver o aluno com os olhos do coração, que comovem e os olhos da sabedoria, que desvelam e transformam.

Esse desafio inovador de uma avaliação apreciativa mostra os avanços da atividade pedagógica, no século XXI, ressalta os valores positivos e, ao mesmo tempo, subjetivos e instiga os professores a investirem num processo avaliativo que rompa com a fragmentação e a reprodução do conhecimento, envolvendo tanto o discente como o docente no processo avaliativo, como é preconizado no ideário freireano: ensinar aprendendo.

Essa avaliação apreciativa volta-se para a realidade, caracterizando, como já citamos acima, os aspectos positivos, transformando e interagindo para reforçar potencialidades e sucessos, notadamente na atualidade, quando se percebem grandes desafios educacionais na formação dos docentes em avaliação, haja visto a cultura de controle e autoritarismo que permeia a prática avaliativa ao longo da história da educação brasileira, aplicada como ato de controle para registrar, medir e verificar.

O papel do avaliador estava muito mais concentrado em descrever padrões e critérios, embora ainda muito técnico em sua atuação.

Na nova visão da avaliação apreciativa, o grande desafio é contemplar não apenas o quantitativo, mas o aspecto qualitativo, que é o juízo de valor. Não basta medir nem descrever. É preciso ir mais além, ou ter uma preocupação com o mérito e a relevância, características essenciais do juízo de valor. Sendo assim, a avaliação apreciativa passa do paradigma do descrever e registrar, para uma visão desafiadora e

reflexiva, contribuindo para que o aluno tenha a liberdade de participar do processo educativo nos seus vários momentos.

Nas palavras de Behrens (2005, p. 55), “a exigência de tornar o sujeito cognoscente, ao valorizar a reflexão, a ação, a curiosidade, o espírito crítico, a incerteza, a provisoriedade, o questionamento, exige reconstruir a prática educativa proposta em sala de aula”.

Visto assim, a formação de um sujeito crítico, reflexivo e inovador, poderá contribuir para que se desenvolva uma prática avaliativa que conceba o conhecimento como provisório e que o situe historicamente. Nessa perspectiva, concebe-se o homem como ser histórico que interage com o meio, modificando-o.

Nessa avaliação apreciativa, muitos docentes e discentes mantêm uma relação dialógica, gerando conhecimento de ambas as partes.

Tanto docentes como discentes são sujeitos do processo de ensino e aprendizagem e necessitam criar espaços, a fim de que haja incentivo à reflexão, elemento indispensável no processo de uma avaliação emancipatória.

Com essa visão, a avaliação tem que se pautar em uma investigação apreciativa, no sentido de realizar mudanças no processo avaliativo para que haja diálogo entre docentes e alunos, sucessos e sonhos, por seres esses agentes transformadores.

4.1 HISTÓRICO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Antes de fazermos a análise dos dados da pesquisa, gostaríamos de destacar que há várias formas de controle e interpretação de como nos relacionamos com a linguagem em nosso cotidiano enquanto sujeitos falantes que somos, cidadãos, enquanto profissionais, enquanto professores, autores e leitores.

Segundo Richardson (1999, p. 220),

fazer um retrospecto da análise de conteúdo significa, basicamente estudar o que foi feito nos Estados Unidos da América para desenvolver um instrumento de análises das comunicação de acordo com técnicas modernas.

Sabemos que sempre houve interesse por interpretar textos e de que essa prática é antiga, mesmo antes da Idade Média já havia pessoas que se interessavam em interpretar textos escritos sagrados e políticos que não exigiam rigor científico.

Mais tarde, surgiram trabalhos com mais rigor científico da análise que datam do começo do século. Foram os pesquisadores norte-americanos que desenvolveram técnicas mais sofisticadas para a análise de conteúdo, sobretudo as do tipo quantitativas. Harold Laswell (1927) foi o iniciador da história da análise de conteúdo. O período 1950-60 é marcado por um forte desenvolvimento desse tipo de análise.

De acordo com Richardson (1999, p. 221), “para Berelson (1954, p. 489), a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Para esse autor, todas as mensagens escritas em jornais, livros, revistas, entrevistas etc. são mensuráveis. Enquanto esse autor afirma ser uma técnica essencialmente quantitativa, existem controvérsias entre os autores que defendem a análise de conteúdo como técnica qualitativa.

Na visão de Richardson e Berelson, a análise de conteúdo quantitativa só deveria estudar a frequência das características presentes na mensagem com rigor científico. Para os que defendem ser a análise qualitativa, deveria analisar as características ausentes da mensagem.

Os pesquisadores franceses atualmente tiveram muita influência nos métodos qualitativos que passaram a ser menos rígidos, mais eficazes, introduzindo-se os aspectos qualitativos na aplicação do método.

Segundo Richardson (1999, p. 222):

O estudo dos símbolos e das características da comunicação é básico para compreender o homem, seu pensamento, sua arte e suas instituições. Portanto, a análise de conteúdo é um tema considerado central para todas as ciências humanas e com o passar do tempo tem se constituído um instrumento para o estudo da interação entre os indivíduos.

Em suma, a análise de conteúdo é um conjunto de análise da comunicação que visa obter, através de procedimentos objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens.

4.2 CONCEITOS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com Richardson (1999, p. 222): “As definições de análise de conteúdo têm mudado através do tempo, à medida que se aperfeiçoa a técnica e se diversifica o campo de aplicação, com a formulação de novos problemas e novos materiais”.

Entre as definições propostas, temos: a) “A análise de conteúdo é a análise estatística do discurso político” (KAPLAN, 1943). b) “É uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON, 1954, p. 18). c) “A análise do conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens [...]” (BARDIN, 1979, p. 31).

Como vemos, as três definições têm a análise de conteúdo como uma técnica de pesquisa que aplicam procedimentos metodológicos, com objetividade, sistematização e influência. Quanto à objetividade, diz respeito à conduta do pesquisador em tomar decisões precisas, necessitando levantar as categorias e saber fazer distinção entre as mesmas para poder registrar e codificar o conteúdo. Em relação à sistematização, o pesquisador deve ser sistemático em analisar todo o material disponível que apoiam as suas hipóteses levantadas e as que não apoiam. O pesquisador deve também respeitar as regras da metodologia científica.

Já quanto à inferência, é um procedimento intermediário que permite a descrição em uma primeira etapa da análise e a interpretação como última etapa.

Na análise de conteúdo, procuramos levantar as categorias qualitativas, como: interpretação do texto, sequência das ideias, coerência e abordagem do tema.

Capítulo V

Capítulo V

ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Antes de iniciarmos as produções dos textos, desde a inicial, resumos e produção final, explicamos para o grupo, composto por cinco alunos, que a análise das produções tomaria como base categorias de ordem qualitativas, para descrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto da mensagem escrita. As categorias levantadas foram: interpretação do texto, sequência das ideias, coerência e abordagem do tema. Essa análise tem a função de levantar os elementos principais que podem contribuir para a construção de um texto escrito. Adotamos essas quatro categorias com base na análise do conteúdo que procura decodificar um texto em diversos elementos para permitir uma melhor compreensão.

Após a análise de cada categoria, podemos fazer a comparação entre a produção inicial e a final, para comprovarmos se houve uma evolução cognitiva da produção inicial para a produção final.

Quanto às habilidades cognitivas que deveriam desenvolver, da produção inicial à produção final, relacionamos: gerar, selecionar e organizar ideias; selecionar o vocabulário; decidir sobre a estruturação das frases; refletir sobre o conteúdo a ser tratado; usar o conhecimento sobre o gênero a ser produzido; esboçar uma primeira versão; revisar o texto e editar em uma versão final.

Com relação aos resumos, seguimos os mesmos critérios das categorias levantadas, para análise acima citada. Após a produção final, aplicamos o questionário, cujas respostas foram unânimes em afirmar que as discussões foram importantes para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, na construção do texto escrito.

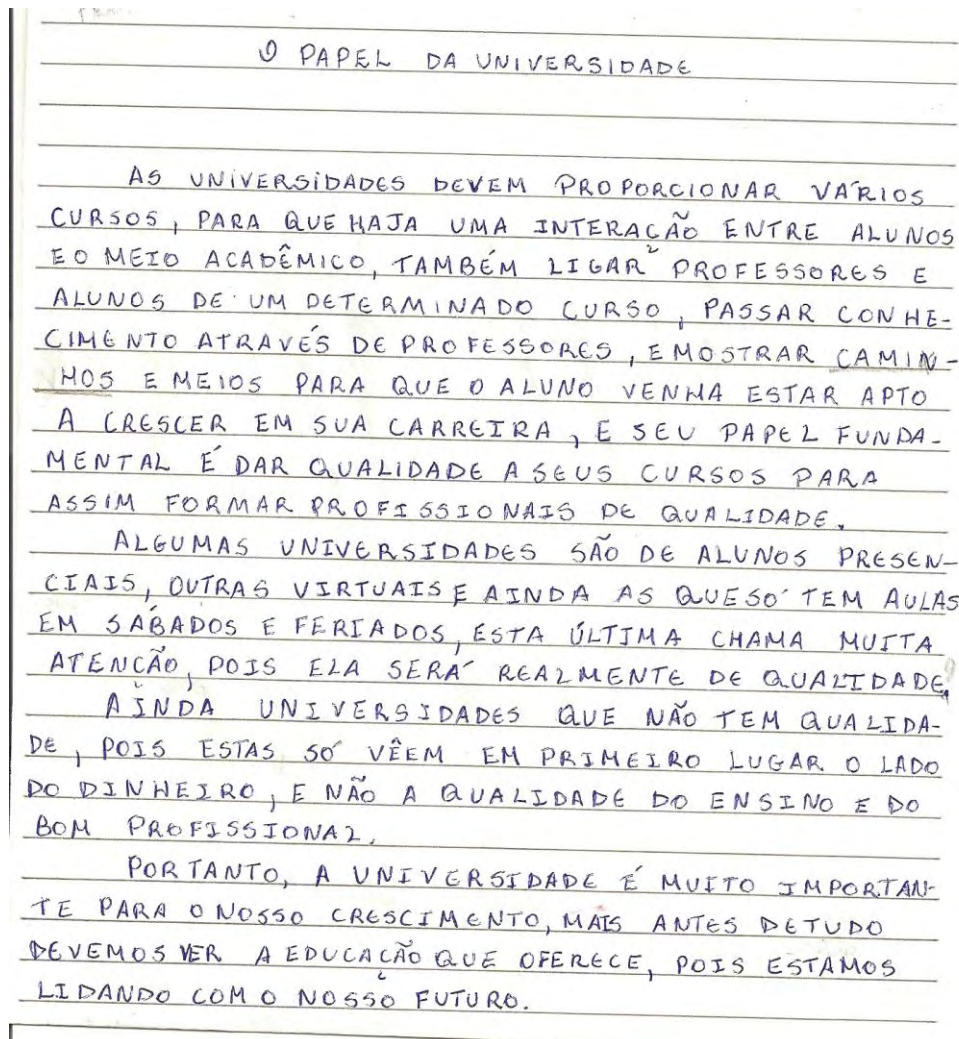
Após a codificação do questionário aplicado, a primeira hipótese levantada sobre a importância das discussões para a aprendizagem sociocognitiva foi comprovada.

Como resultado, podemos afirmar que as autoras dos textos número um, quatro e cinco demonstraram um melhor desempenho, devido o alcance de maiores informações, bem como a riqueza de conhecimento acrescentada nas discussões. Já as autoras dos textos número dois e três poderiam ter se saído melhor, já que tiveram uma boa participação nas discussões, conforme observamos.

Vejamos as análises das produções.

GRADUANDA Nº 1

PRODUÇÃO INICIAL



Interpretação do texto: O texto apresenta ideias bem organizadas, com introdução, desenvolvimento e conclusão e abordadas de forma clara.

Sequência das ideias: Demonstra capacidade de argumentar a temática ao defender seus pontos de vista. Foram eles:

- As universidades devem proporcionar vários cursos, para que haja interação entre alunos e o meio acadêmico.
- “Ligar” professores e alunos de um determinado curso.
- “Passar” conhecimentos através dos professores.

- *Mostrar caminhos e meios para que o aluno “venha a estar apto a crescer” em sua carreira.*
- *O papel principal (das universidades) é dar qualidade aos cursos, a fim de formar profissionais qualificados.*

A graduanda questiona a qualidade das universidades que funcionam aos sábados e feriados, embora tenha deixado de colocar uma interrogação no fim do período, o que gera dúvidas ao leitor. Conclui, também, que há universidades que desprezam a qualidade, porque só visam dar lucro.

Coerência: Estrutura as orações de forma coerente (paralela). Quanto ao tempo dos verbos e número, apresenta uma sequência correta de tempos verbais. Exemplos:

- Presente do indicativo : devem; é
- Presente do subjuntivo : haja; venha
- Infinitivo : ligar; passar; mostrar

Há também correlação entre o presente do indicativo e o subjuntivo, apresentando, inclusive, o uso coerente das locuções verbais.

Abordagem do tema: Passa informações referentes ao tema, com construção de frases coerentes.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 1

TEXTO 1

Este texto levanta ideias de mais de um autor. Além de Clóvis Rossi, autor do mesmo, tem Sérgio Costa Ribeiro. A fonte da publicação é a Folha de S. Paulo, datada de 26 de março de 1993. A ideia central do texto é sobre as diferenças de verbas destinadas à universidade pública e às destinadas ao ensino básico. Essa diferença acarreta na dificuldade de se ter uma quantidade suficiente de gente preparada.

O PAPEL DAS UNIVERSIDADES

Artigo de jornal

Clóvis Rossi

São Paulo – É lógico que o governo dedica praticamente a mesma quantidade de dinheiro a um grupo de apenas 300 mil pessoas e a outro composto de 28 milhões? Se a sua resposta for não, você não vive no Brasil.

“O país está gastando 0,6% do seu Produto Interno Bruto em universidades com 300 mil alunos e outros 0,8% do PIB para manter 28 milhões de estudantes no primeiro grau”, diz Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica, vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisas Científicas, conforme o jornal “Gazeta Mercantil” de anteontem.

Basta uma continha elementar para se descobrir que o Brasil gasta cerca de US\$ 8 mil com cada dos 300 mil estudantes universitários, a grande maioria dos quais faz parte da elite, já que a universidade ainda é reduto privilegiado de quem tem dinheiro. Cada um dos 28 milhões que freqüentam o primeiro grau fica com magros US\$ 114,28 ou 70 vezes menos.

É óbvio que manter um curso de nível superior custa mais do que o antigo primário. Mas 70 vezes mais por pessoa?

Esse mecanismo perverso acaba por eternizar as desigualdades, essa enorme praga brasileira, mais uma vez apontada no anuário 1992 do IBGE. Como informação é poder, mais ainda no mundo moderno, é óbvio que quem tem mais informação vai concentrar mais poder e, por extensão, mais renda. E só tem mais informação quem avança no processo educativo. Dado o ridículo investimento no ensino básico, vai ser muito difícil criar uma quantidade suficiente de gente preparada.

Fonte: Folha de S. Paulo, 26 mar. 1993.
Coletânea de textos sobre o papel das universidades.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 1

TEXTO 1① Papel das universidades

① Texto foi escrito por Clóvis Rossi e mostra alguns dados das universidades brasileiras.

② Deixando explícito a desigualdade dentro das universidades públicas, pois a maioria dos alunos que têm direito a fazer um curso gratuito são pessoas de maior poder aquisitivo, o autor também enfatiza os custos sobre cada aluno, comparando os gastos do ensino superior e os gastos do ensino básico, mostrando que o ensino básico aqui no Brasil não é valorizado.

③ autor dá as suas opiniões de forma clara, crítica e objetiva falando de um problema de grande importância para sociedade.

Interpretação do texto: Aborda a temática de forma bastante reduzida, empobrece o tema sugerido; esquece de dar mais ênfase à crítica feita pelo autor ao sistema de governo, não apresentando nenhuma opinião sobre o assunto. A graduanda deixou de destacar uma ideia fundamental do texto: o fato de que, apesar de manter um curso superior mais oneroso do que o antigo primário, essa diferença não chegaria a 70 vezes mais por aluno, como acontece no Brasil. Em outras palavras: ideias fundamentais do texto foram esquecidas, o que caracteriza uma má interpretação. Entre outras ideias fundamentais: a) “Esses gastos diferenciados acaba por eternizar

as desigualdades enorme praga brasileira”. B) “Como informação é poder, quem tem mais informação vai concentrar mais poder e mais renda”.

Sequência das ideias: Não está bem elaborada a sequência das ideias, uma vez que a temática foi pouco abordada de forma analítica, bem como não ficou clara a sua opinião, dando ao texto uma vaga lembrança dos fatos.

Incoerências: “O texto foi escrito por Clóvis Rossi e mostra alguns dados das universidades brasileiras”.

O texto de Clóvis Rossi não mostra, apenas, “alguns” dados sobre a universidade, mas sim constata dados fundamentais relativos à diferença de verbas destinadas ao ensino superior e ao antigo primeiro grau, a partir das informações de outro.

O conectivo “e” não está bem colocado, uma vez que dá a ideia de que as ideias seriam apenas de Clóvis Rossi. O texto não fala sobre desigualdades entre as universidades públicas, mas sim entre as verbas destinadas à universidade pública e as destinadas ao ensino básico. O conectivo, pois, no 2º parágrafo indica falta de coesão, o que interfere na coerência.

Coerência: Não integralmente. Apresenta imprecisão nas informações, confundindo alguns tópicos com relação às informações do autor; creio que não enxergou o texto como um todo, focando somente a questão da universidade, esquecendo dos outros fatos.

Abordagem do tema: No primeiro e segundo parágrafos, o tema, além de ser apresentado de forma vaga, foi colocado superficialmente, pelos motivos anteriormente expostos. Conclui-se que a graduanda não deu ênfase a outras ideias fundamentais do texto, como o mecanismo perverso da diferença de verbas que acaba provocando as desigualdades sociais, que o autor chama de praga brasileira. A outra ideia considerada fundamental é a da concentração de renda e mais poder sobre àquelas pessoas que têm mais informações.

TEXTO 2

Esse segundo texto foi escrito por Bazzo, da UFBA, no ano de 2007, cujo artigo tiramos pela Internet e tem como ideia principal mostrar que o papel da universidade é transmitir a capacidade para enxergar o mundo de uma melhor maneira, que possibilite mais solidariedade e felicidade.

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA: PERSPECTIVAS E PROJEÇÕES

O que é a Universidade e qual o seu papel no processo de formação humana? Problematização, aparentemente, banal e simples de ser resolvida, pelo menos pelo viés acadêmico-intelectual; no entanto, a vida reclama soluções mais firmes e, concretamente, efetivadas no campo praxiológico.

A Universidade é um dos espaços mais privilegiados de convivência, por onde transitam (ou deveriam transitar) as pessoas com o maior potencial para favorecer o desenvolvimento humano e científico-tecnológico.

Entretanto, será que a Universidade é capaz de olhar para si mesma e enxergar o mundo, percebendo as suas urgências? Quanta pretensão, não é mesmo? Capacidade para enxergar o mundo! Obviamente, não apenas no nível da constatação simplesmente. Mas, competente na viabilidade de um mundo necessário e justo, que possibilite uma vida harmoniosa, solidária e feliz...

DAS PERSPECTIVAS, ou algumas reflexões

Paulo Freire, na sua obra *À Sombra desta Mangueira*, refletindo sobre a ordem econômica global, pondera como é empobrecedor o ensino baseado numa *pseudo-formação* científica e no “treinamento”. Assim como Freire, cremos numa Universidade de Gente – sim, com letra maiúscula; que ama, que chora, que ri, que fala, que ouve, que acredita, que questiona, que duvida, que apresenta soluções, alternativas, e caminhos. Gente que cria, que troca, que complementa: Gente que pesquisa... Gente que não é esquizofrênica, dicotômica ou que tem uma parte esquemática e uma outra emotiva. Mas, Gente que é um todo inteiro, equilíbrio: razão e emoção também.

Como é feita de/por Gente, uma Universidade precisa criar, permanentemente, condições objetivas que potencializem os professores, os estudantes e os funcionários, pois são eles os principais responsáveis pela continuidade da formação dos homens e mulheres que continuarão o ambicioso projeto de povoar a Terra: gerar novos frutos, perpetuar a espécie, inventando outros modos de produzir conhecimentos com consciência ampliada e ética.

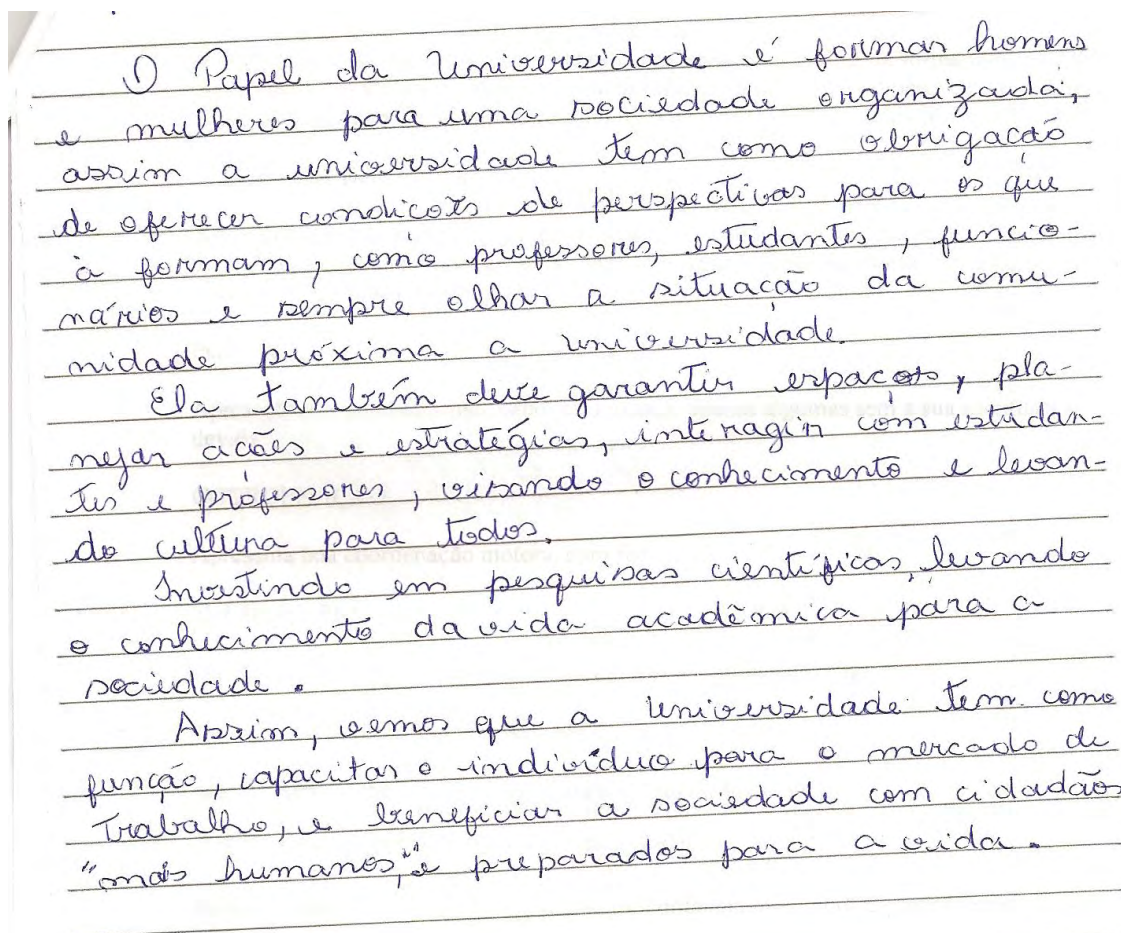
Isto posto, ratificamos a concepção de Boaventura de Sousa Santos, no seu livro *Pela Mão de Alice*, ao afirmar que “uma transformação profunda nos modos de conhecer deve estar relacionada, de uma maneira ou de outra, com uma transformação igualmente profunda nos modos de organizar a sociedade”. Esses novos modos de conhecer estão, intrinsecamente, relacionados com a produção do conhecimento e o desenvolvimento científico-tecnológico. Portanto, além de uma radical mudança no modo de conceber e inventar, são fundamentais mudar os modos sociais de relação, incluindo aí as relações homem-homem, homem-ciência e homem-cultura no interior da Universidade, que, sem dúvida, ressoarão fora dela.

DAS PROJEÇÕES, a Universidade precisa:

- garantir espaços livres de convivência tanto para os estudantes quanto para os professores e funcionários, capazes de promover a integração, a criatividade e a solidariedade, mediados pelas artes, pela cultura, pelos livros;
- planejar ações que privilegiem a cultura, as línguas e as artes em geral, por acreditar que os seres humanos se constituem na relação dialógica eu-outros;
- continuar investindo em pesquisas que integrem o desenvolvimento científico-tecnológico e o humano, buscando priorizar a formação de indivíduos éticos, criativos, sensíveis e solidários...;
- interagir com os grupos humanos, mais diversificados, buscando uma troca de conhecimentos e sabedorias, trazendo-os para dentro da Universidade e indo até eles;
- entender que a ciência e a tecnologia devem estar voltadas para a formação humana e o cuidado com o Planeta;
- garantir a manutenção de correntes epistemológicas, muitas vezes, díspares, porém eticamente comprometidas com a busca de melhorias da vida humana e planetária;
- possibilitar a compreensão de que a comunicação e a contraposição entre posicionamentos filosófico-científicos contribuem para o avanço dos processos de produção do conhecimento;
- buscar, junto à comunidade acadêmica, encontrar os interesses comuns, que dignificam a vida humana e protejam o planeta;
- acreditar no potencial humano, investindo nas suas potencialidades quer sejam científicas, culturais ou artísticas;
- superar os interesses individualizados e os lucros específicos, compreendendo que as relações de forças, as disputas e as estratégias visam a beneficiar os interesses comuns dos participantes da Universidade, desejosos de um mundo mais solidário, mais harmonioso...

Dessa maneira, a Universidade tem um papel primordial no processo de desenvolvimento humano, porque ela prepara, primordialmente, a geração de hoje para cuidar de uma geração ainda não nascida.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 1

TEXTO 2

O Papel da Universidade é formar homens e mulheres para uma sociedade organizada, assim a universidade tem como obrigação de oferecer condições de perspectivas para os que a formam, como professores, estudantes, funcionários e sempre olhar a situação da comunidade próxima a universidade.

Ela também deve garantir espaços, planejar ações e estratégias, interagir com estudantes e professores, visando o conhecimento e levando cultura para todos.

Investindo em pesquisas científicas, levando o conhecimento da vida acadêmica para a sociedade.

Assim, vemos que a universidade tem como função, capacitar o indivíduo para o mercado de trabalho, e beneficiar a sociedade com cidadãos "mais humanos", e preparados para a vida.

Interpretação do texto: A interpretação do texto foi regular. Fugiu da resposta à principal pergunta: "Qual o papel da universidade?". Não deu ênfase no texto ao sentido de que o papel da universidade é "formar homens e mulheres para uma sociedade organizada". Segundo o texto, o principal papel da universidade é transmitir a capacidade para se enxergar o mundo, um mundo necessário e justo, que possibilite uma vida humanitária, solidária e feliz. Ademais, a graduanda colocou, no último parágrafo do texto, uma ideia que não está no texto-sugestão: a ideia de que a universidade tem como função capacitar o indivíduo para o mercado de trabalho.

Sequência das ideias: O que foi explicitado na categoria anterior comprova que a graduanda deixou de dar ênfase às ideias do autor, bem como se limitou a colocar ideias próprias.

Coerência: Resumo incoerente, limitando-se, predominantemente, as ideias pessoais.

Abordagem do tema: Aborda o tema de forma vaga.

GRADUANDA Nº 1

TEXTO 3

O texto é de autoria de Moiselchyk e Biazús, ambos da UFSC, onde enfatizam a responsabilidade social da universidade com a transformação da sociedade e o preparo do ser humano para exercer o seu papel na sociedade.

O PAPEL DA UNIVERSIDADE DIANTE DO CONTEXTO ATUAL: UMA QUESTÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Ana Elizabeth Moiselchyk, Dr^a Cléber Augusto Biazús, MSc
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
anaeliza@mbox1.ufsc.br, clebiazus@bol.com.br
BRASIL

Resumo

Nesta virada de século, praticamente todas as instituições sociais estão enfrentando graves problemas de identidade, no sentido de saber qual é o seu papel diante das mudanças sociais, políticas, econômicas e globais das últimas décadas. A universidade desde tempos remotos teve por fim cultivar e transmitir o saber humano, mas sacudida pelas transformações históricas e, tendo que acompanhar as inovações que os homens iam criando em seus processos e estruturas sociais, ela foi tentando se adaptar constantemente às diferentes realidades. Assim, a rapidez com que se processam as transformações afetando todas as áreas, indistintamente, faz com que ocorram tomadas de posições reacionárias. Portanto, dentro de um novo mundo que deve ser construído, torna-se indispensável uma visão global da responsabilidade social, questão esta que passa obrigatoriamente pelas universidades, pois se a instituição tem algum grau de influência em algum espaço, até aí vai a sua responsabilidade social.

Conclusão

As universidades, assim como quaisquer outras instituições, paulatinamente necessitam de se adequar aos processos de desenvolvimento econômico e social. Foram criadas para formar uma elite aristocrática, depois complementadas por uma elite de mérito, elas sofreram mutações através dos tempos e necessitam cada vez mais de se moldarem às novas condições impostas por esta realidade.

O compromisso social da universidade deve ser muito mais efetivo, visto que ela faz parte de um contexto global inclusivo que a determina, devendo colaborar para a manutenção ou para a transformação da sociedade. Então, se faz necessário uma análise da história a partir do prisma dos grupos que compõem esta comunidade, considerando a multiplicidade de dimensões da vida coletiva, para criar novos conceitos, adaptando-os as novas situações concretas.

De uma forma geral, as universidades devem optar por ações duradouras, que visem transformar profundamente a sociedade, na direção da conquista dos direitos civis, políticos e sociais dos indivíduos e das comunidades, engajando-se nos diversos movimentos sociais, tendo em vista uma integração real, uma parceria efetiva, na tentativa de sair do seu enclausuramento, alheamento e corporativismo que, na maioria das vezes, conduz à inércia acadêmica e ao descompromisso com a sociedade que a mantém.

Necessita-se, portanto, de uma ação educativa para a construção da cidadania para além de ações emergenciais e/ou compensatórias. Ação esta que deve permear a atividade-fim das universidades, culminando com uma proposta pedagógica que tenha, como eixo central, a formação de profissionais-cidadãos, e com uma visão de universidade que, sem descuidar do desenvolvimento científico e tecnológico, esteja alerta e atenta às necessidades mais prementes do seu contexto social.

Assim, urge refletir e avaliar a atuação das universidades, a fim de projetar novas ações a serviço da comunidade, somando esforços e criando e/ou estimulando parcerias em todos os níveis e áreas de conhecimento, pois o processo que leva à compreensão de que a questão social com a qual nos deparamos no momento atual pode ser amenizada através dos caminhos da ciência, e isto está apenas começando.

Portanto, sendo a universidade um instrumento de transformação da sociedade, cabe à comunidade acadêmica a decisão de retardar ou acelerar a solução do problema presente.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 1

TEXTO 3

O Papel da universidade diante do contexto atual: Uma questão de responsabilidade Social.

De acordo com o texto, e com o que acontece nos dias de hoje, vemos que o mundo todo sofre mudanças rápidas e radicais a todo o momento, e a universidade se vê obrigada a acompanhar todas essas mudanças.

As instituições tem de a tentar criar um espaço na vida do indivíduo e passar para ele como construir suas responsabilidades com o coletivo e toda a sociedade que está ao seu redor.

Para isso a universidade deve criar algumas propostas pedagógicas tentando inserir "profissionais-cidadãos" (p. 114), mas sem se desviar do foco e do desenvolvimento do profissional.

Portanto, a universidade tem como papel diante da situação atual, ajudar na criação de uma sociedade mais harmônica, que sabe lidar com avanços e diversidades humanas

Interpretação do texto: Resumo incoerente, limitando-se, predominantemente, às ideias pessoais, sobretudo, no último parágrafo:

- A universidade tem como papel diante da sociedade atual ajudar na criação de uma sociedade mais harmônica, que sabe lidar com avanços e diversidades humanas.

O mesmo verificou-se no 2º parágrafo:

- *As universidades tem de a (sic) tentar criar um espaço na vida do indivíduo e passar para ele como construir suas responsabilidades com o coletivo e a sociedade que está ao seu redor.*

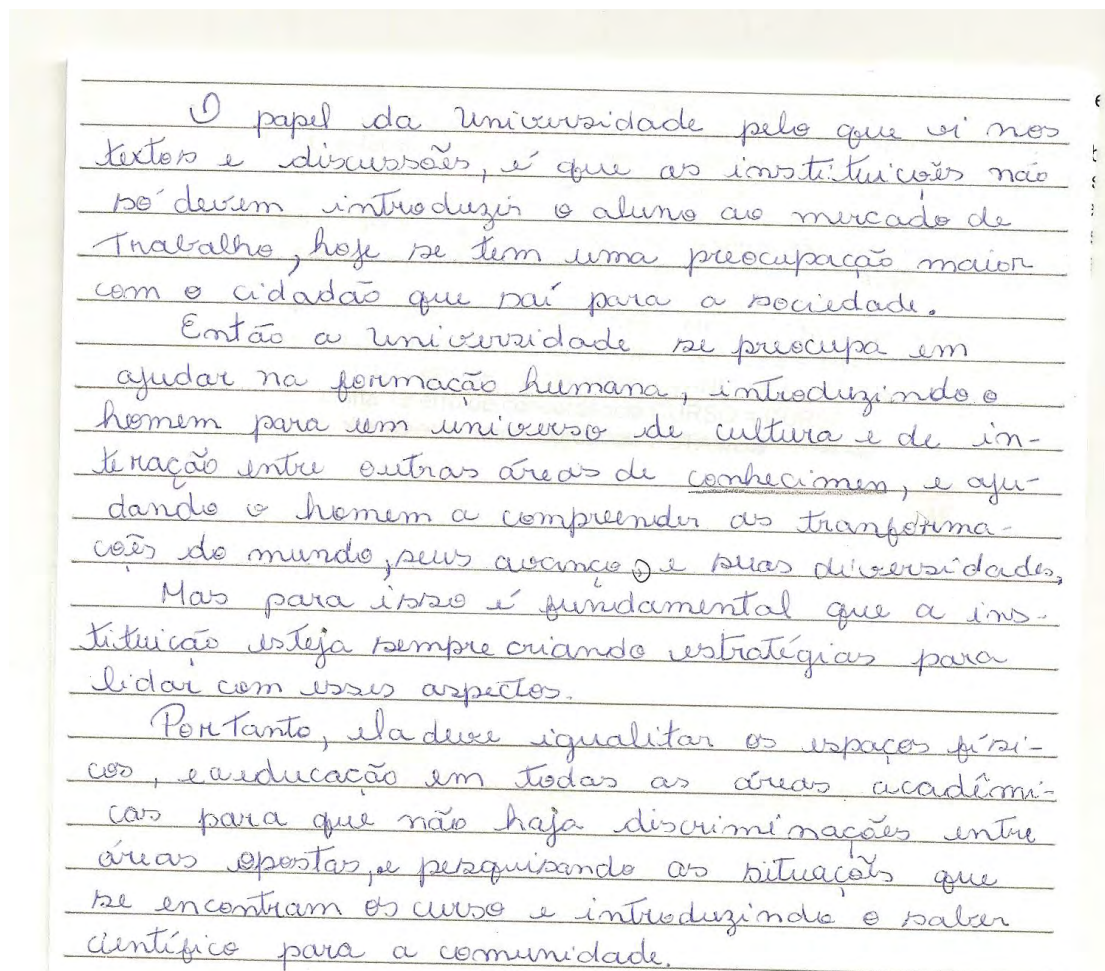
Sequência das ideias: Manteve uma sequência de ideias, citando a evolução, compromisso social, medidas, finalizando com a exposição do papel da universidade diante da temática.

Coerência: Resumo incoerente.

Abordagem do tema: Aborda o tema de forma incoerente, fugindo dos pontos importantes do texto.

GRADUANDA Nº 1

PRODUÇÃO FINAL



Interpretação do texto: O texto apresenta ideias pertinentes à temática, contudo, de forma solta, não obedecendo a um critério de introdução, desenvolvimento e conclusão.

Sequência das ideias: Passou as ideias do texto, com pouca organização.

Coerência: Resumo coerente. Os parágrafos apresentam sequência lógica, o que se comprova pelo bom uso dos elementos de coesão (conectivos) usados, por exemplo:

- então (2º parágrafo)
- mas (3º parágrafo)
- portanto (4º parágrafo)

Abordagem do tema: Apresentou capacidade de argumentação, inserindo ao texto mais conteúdo extraído das informações obtidas em outros textos e discussões. Todavia, o papel da universidade não é só a formação científica, como enfatiza a aluna, mas a do cidadão. Ela integra outras áreas de conhecimento que leva o homem a compreender e transformar o mundo.

Em comparação à produção inicial, verifica-se uma evolução cognitiva de conteúdo devido ao alcance de informações. Houve evolução de desenvolvimento, porque os textos anteriores apresentaram, em muitos pontos, falta de nexos e sequência, perdiam-se em ideias pessoais, não reconhecendo as ideias básicas dos autores, além de faltar coesão em muitos dos conectivos usados.

No texto final, sob o ponto de vista da coerência e coesão, houve um avanço bastante significativo, o que atesta a importância do exercício da leitura diversificada e a prática reiterada dos diversos tipos de gêneros textuais, mormente a intensificação da prática do resumo, da interpretação e da produção de textos com base em leituras anteriores.

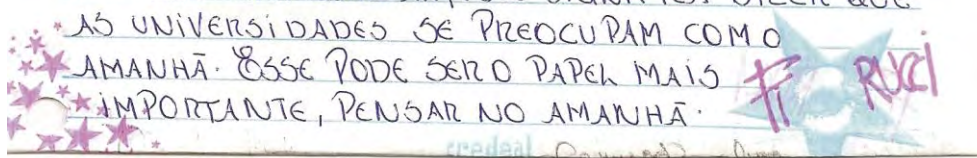
GRADUANDA Nº 2

PRODUÇÃO INICIAL① PAPEL DA UNIVERSIDADE

HOJE EM DIA AS UNIVERSIDADES DESENVOLVEM UM PAPEL QUE VAI ALÉM DE EDUCAR ALUNOS NO CURSO SUPERIOR, HOJE AS UNIVERSIDADES SE PREOCUPAM COM O QUE IRÁ SAIR DELAS, OU SEJA, O PROFISSIONAL QUE ESTÁ SENDO PREPARADO. AS DISCIPLINAS ADOPTADAS NOS CURSOS ESTÃO CADA VEZ MAIS SE APROXIMANDO DA REALIDADE QUE SERÁ ENCONTRADA NO PERÍODO "PÓS-UNIVERSIDADE".

UM FATOR ATUANTE NISSO É A SARA DE AUA, ONDE CADA VEZ MAIS AS MUDANÇAS SÃO CONSTANTES. NÃO DIGO ISSO SÓ DO PONTO DIDÁTICO, MAS TAMBÉM, A MUDANÇA NA REALIDADE DOS ALUNOS. É CLARO QUE OUTROS PONTOS COMO A QUALIDADE DO QUE ESTÁ SENDO COLOCADO NO MERCADO DE TRABALHO, SE ENQUADRA NO PAPEL DA UNIVERSIDADE.

QUANDO ANALISAMOS O PAPEL DA UNIVERSIDADE VEMOS QUE AS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NO SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR, VIERAM SÓ PARA MELHORAR E AUMENTAR A SUA QUALIDADE E IMPORTÂNCIA. COM ISSO REAFIRMA-SE QUE O PAPEL DA UNIVERSIDADE É O DE PREZAR ⁷BOA FORMAÇÃO PARA SE TER UM BOM PROFISSIONAL, ISSO SIGNIFICA DIZER QUE AS UNIVERSIDADES SE PREOCUPAM COM O AMANHÃ. ESSE PODE SER O PAPEL MAIS IMPORTANTE, PENSAR NO AMANHÃ.



Interpretação texto: O texto apresenta ideias quanto ao papel da universidade, apresentando os fatos de forma mais nítida e realista. Está adequadamente organizado, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Sequência das ideias: Passa informações no texto, construindo adequadamente as frases e aplicando corretamente os tempos verbais.

Coerência: Expôs os fatos de maneira coerente, enfatizando suas opiniões e defendendo seus pontos de vista.

Abordagem do tema: Aborda a temática de forma clara; tem facilidade de argumentar.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 2

TEXTO 1

O TEXTO DE CLÓVIS ROSSI "O PAPEL DAS UNIVERSIDADES" PUBLICADO NA FOLHA DE SÃO PAULO NO ANO DE 1993, VAI ALERTAR O LEITOR SOBRE UMA REALIDADE QUE NECESSITA SER MUDADA.

ATRAVÉS DE DADOS DO CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS CIENTÍFICAS, CLÓVIS ROSSI VAI RELATAR A FORMA DESIGUAL COM A QUAL É FEITA A DISTRIBUIÇÃO DO DINHEIRO PARA O SUSTENTO DO ENSINO UNIVERSITÁRIO E O ENSINO DO PRIMEIRO GRAU. É DIVULGADO COM BASE EM ESTATÍSTICAS (DAÍ, ESSE SER UM TIPO DE ARGUMENTO DE PROVAS) QUE O ENSINO SUPERIOR CHEGA A RECEBER CERCA DE 8 MIL REAIS PARA CADA UM DOS 300 MIL ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS, JÁ O ENSINO DE PRIMEIRO GRAU COM OS SEUS 28 MILHÕES DE ESTUDANTES RECEBE MUITO MENOS PARA FAZER INVESTIMENTOS E MELHORIAS NO SEU ENSINO.

COM ISSO FICA A PERGUNTA, SERÁ QUE NÃO DEVERIA SE INVESTIR MAIS NO ENSINO DE PRIMEIRO GRAU, PARA SE TER UNIVERSITÁRIOS DE BOA QUALIDADE? É CLARO QUE TEM QUE SE INVESTIR EM TODAS AS ÁREAS DA EDUCAÇÃO, MAS SE AS "CRIANÇAS SÃO O FUTURO DO PAÍS", O CERTO ERA FAZER UMA PREPARAÇÃO

MAIOR NELAS. DESSE MODO TERIAMOS ADULTOS, UNIVERSITÁRIOS E PROFISSIONAIS DE QUALIDADE.

O GASTO DEMASIADO DE DINHEIRO COM AS UNIVERSIDADES DEVE SER ANALISADO, DESSE MODO OCORRENDO UMA JUSTIÇA NA DIVISÃO DO DINHEIRO, CAUSANDO ASSIM O COMPLETO SUCESSO DE TODOS.

Interpretação do texto: Interpreta bem o texto; no entanto, apresenta as estatísticas de forma incorreta, não atentando aos dados passados pelo autor, com relação à moeda, que seria em dólares e não em reais. Passa suas opiniões sobre a temática, deixando de enfatizar as críticas do autor ao sistema de governo, um dos pontos forte do texto.

Sequência das ideias: Obteve uma adequada sequência das ideias.

Coerência: Demonstra de forma clara e objetiva as suas ideias.

Abordagem do tema: Aborda o tema de forma clara, não fugindo ao tema. Todavia, não deu muita ênfase a algumas ideias do autor. São elas:

- relação entre universidade e elite (“universidade ainda é reduto privilegiado de quem tem dinheiro”);
- desigualdades brasileiras;
- relação entre informação e poder;
- dificuldade em se criar gente preparada com o baixo investimento no ensino básico.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 2

TEXTO 2

=> O PAPEL DA UNIVERSIDADE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA: PERSPECTIVAS E PROJEÇÕES

QUANDO SE COLOCA QUAL É O PAPEL DA UNIVERSIDADE, LOGO VEM A CABEÇA, "FORMA PROFISSIONAIS CAPACITADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO". MAS COMO SERÁ O MÉTODO MAIS EFICIENTE DE SE FAZER ESSA FORMAÇÃO.

DEVEMOS LEMBRAR QUE ESTAMOS LIDANDO COM UM AMBIENTE PARA NÃO DIZER MUNDO ONDE ENCONTRAMOS TODOS OS TIPOS DE GRUPO, ETNIA, RAÇA E ETC. ENTÃO COMO FAZER ESSES GRUPOS SE INTRODIREM É A PERGUNTA CERTA.

A MELHOR FORMA DE FAZER ISSO É A DISCUSSÃO. DISCORDA, CONCORDA DE PONTOS DE VISTA EXISTENTES É UMA SAÍDA. TRABALHAR EM GRUPO, CITAR GRUPOS DE PESQUISA E ENTENDER QUE JUNTOS SE CONSEGUE MAIS COISAS DO QUE SOZÉ É UMA OUTRA ALTERNATIVA.

COM TUMA ESSE PROCESSO DE FORMAÇÃO, NÃO É SO A FORMAÇÃO ACADÊMICA É TAMBÉM A FORMAÇÃO DO SER HUMANO. É SEMPRE BOM LEMBRAR QUE ESSA FORMAÇÃO ACABA GERANDO RELAÇÃO, RELAÇÃO ESSA QUE ACABA DANDO EM UMA FORMAÇÃO.

OU SEJA, É UM CICLO INTERMINÁVEL, O PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA NA UNIVERSIDADE É UMA GRANDE RELAÇÃO DE INTERAÇÃO ENTRE OS DIVER-

SOS GRUPOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE.

Interpretação do texto: Interpreta bem o texto, passando suas opiniões dentro do que foi proposto pela temática.

Sequência das ideias: Obteve uma adequada sequência de ideias, demonstrando fatos pertinentes aos propostos pelo autor.

Coerência: Procura demonstrar de forma clara e objetiva as ideias do texto, seguindo a mesma linha do primeiro resumo.

Abordagem do tema: Aborda o tema de forma clara, sem fugir da temática proposta pelo autor.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 2

TEXTO 3

=> O PAPEL DA UNIVERSIDADE DIANTE DO CONTEXTO ATUAL:
UMA QUESTÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

O TEXTO "O PAPEL DA UNIVERSIDADE DIANTE DO CONTEXTO ATUAL: UMA QUESTÃO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL", ATINA O LEITOR PARA UMA REALIDADE DE QUE DEVE SER PENSADA E REPENSADA, QUAL É O PAPEL DA UNIVERSIDADE?

TALVEZ PARA ALGUNS SEJA SÓ ENTREGAR UM DIPLOMA EM UMA DETERMINADA ÁREA. PORÉM NOS DIAS ATUAIS A FUNÇÃO DESSA INSTITUIÇÃO VAI ALÉM. HOJE NÃO É SÓ FAZER UMA PESSOA SE INSTRUIR NAS MAIS DIVERSOS CAMPOS, A RESPONSABILIDADE E O COMPROMISSO É SOCIAL.

HOJE NÃO É SÓ PREPARAR PROFISSIONAIS - ISSO NÃO É UM PAPEL DA UNIVERSIDADE, MAS SIM UMA OBRIGAÇÃO, O QUE VALE É PREPARAR SERES HUMANOS CONSCIENTES DO SEU PAPEL NA SOCIEDADE EM QUE VIVEM.

É CLARO QUE ESSA RESPONSABILIDADE SOCIAL NÃO É SÓ UM COMPROMISSO ASSUMIDO PELA INSTITUIÇÃO, OU SEJA, NÃO É SÓ O REITOR, DIRETORES DE DEPARTAMENTO QUE TEM QUE SE FAZER PRESENTE NESSE PONTO. MAS TAMBÉM OS ALUNOS TEM QUE "COMPRAR ESSA BRIGIA". COM A UNIÃO DE TODOS TUDO SERÁ MAIS VÁLIDO.

COM ESSE PAPEL SOCIAL A UNIVERSIDADE CRESCE E AJUDA A CRESCER, EM RESUMO AJUDA QUEM

ESTÁ LÁ DENTRO, E QUEM NÃO ESTAR.

Interpretação do texto: Interpreta bem o texto, passando suas opiniões dentro do que foi proposto pela temática, bem como expõe os fatos de forma coerente com o texto.

- Formar profissionais é, sim, papel da universidade, embora não seja o único.

Linhas 12/13: *Hoje não é só preparar profissionais – isso não é um papel da universidade, mas sim uma obrigação.* Trecho um pouco confuso e contraditório.

Fatos pertinentes às ideias do autor:

— Responsabilidade social como compromisso de todos → exemplifica e confirma a proposição do autor de que as universidades devem sair do seu “enclausuramento, alheamento e corporativismo”.

— “O que vale é preparar seres humanos conscientes do seu papel na sociedade?” (linhas 14/15)

Condizente com a afirmação do autor acerca da “ação educativa para a construção da cidadania”, da “formação de profissionais-cidadãos” e sobre a “participação das universidades [...] em novas ações a serviço da comunidade”. Sobre esse último trecho, no resumo ainda se pode constatar, no último parágrafo, uma afirmação pertinente a ele.

Sequência das ideias: Apresenta boa sequência de ideias, demonstrando fatos pertinentes aos propostos pelo autor.

Coerência: Vem apresentando os resumos sempre de forma clara e objetiva. Mantém continuamente uma linha coerente com as exposições do texto.

Abordagem do tema: Aborda o tema de forma clara, não fugindo à temática.

GRADUANDA Nº 2

PRODUÇÃO FINAL

DEPOIS DE ANALISAR TUDO QUE FOI COLOCADO EM OUTROS TEXTOS SOBRE O TEMA "PAPEL DA UNIVERSIDADE", CHEGAMOS A UMA CONCLUSÃO QUE ULTRA PASSA AS BARREIRAS DOS CENTROS ACADÊMICOS, DOS CURSOS E DA ADMINISTRAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE.

NOTAMOS QUE ESSE PAPEL DE, APENAS FORMA BONS PROFISSIONAIS JÁ EVOLUIU, A PARTIR DO MOMENTO EM QUE ESSA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SE TORNOU UM PONTO DE ENCONTRO DE DIVERSAS PESSOAS, COM AS MAIS DIFERENTES CULTURAS. NÃO PODEMOS MAIS ACREDITAR QUE DENTRO DE UMA UNIVERSIDADE SÓ IREMOS APRENDER SOBRE ALGUEM DETERMINADO CURSO QUE INCLUETÁH AREA.

HOJE, QUANDO ENTRAMOS NA UNIVERSIDADE NOS DEPARAMOS COM MUITAS PESSOAS QUE PODEM SIM, NOS ENSINAR MUITA COISA.

AO MEU VER A UNIVERSIDADE DEVE ASSUMIR UM PAPEL DE ASPECTO CULTURAL, SOCIAL, INTERACIONAL, ENFIM, FAZER COM QUE A PASSAGEM POR ESSA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR, NÃO SEJA APENAS "PASSAGEIRA", MAS QUE SEJA UMA PASSAGEM PARA O CONHECER DAS MAIS DIVERSAS AREAS.

É CLARO QUE ISSO NÃO ACONTECE DA "NOITE PRO DIA", EXIGE MUITO MAIS DO QUE PARECE. É A UNIÃO DE TODOS (DIRETORES DE CENTRO, REITORES E ALUNOS) QUE VAI FAZER ESSA

★ ★ ★ ★ ★ MUDANÇA ACONTECER.

★ ★ ★ MAS É IMPORTANTE QUE ISSO OCORRA LOGO, ESSA UNIÃO TEM QUE SER RÁPIDA, PARA QUE MAIS ALGUNS MILHARES DE ALUNO FIQUEM SEM SABER QUAL O SEU PAPEL NA UNIVERSIDADE, E CONSEQUENTEMENTE NA SOCIEDADE.

★ ★ ★ SIM, POIS O VERDADEIRO PAPEL DA UNIVERSIDADE É ESSE, EDUCAR NAS MAIS DIVERSAS CULTURAS, REALIDADES E FUNÇÕES PARA QUE O ALUNO DA UNIVERSIDADE SAIBA O SEU PAPEL NA SOCIEDADE EM QUE VIVE.

Interpretação do texto: Interpreta o texto de forma razoável, pois escreve as frases sem muita coerência, No início começa o texto com frases sem nexo, mas no meio já dá uma ideia mais clara do que entende sobre o papel da universidade. Frases incoerentes (ou confusas):

Chegamos a uma conclusão que ultrapassa as barreiras dos centros acadêmicos, dos cursos e da administração de uma universidade. (?)

Não podemos mais acreditar que dentro de uma universidade só iremos aprender sobre aquele determinado curso que inclui (sic) tal área.

Essa união tem que ser rápida, para que mais alguns milhares de alunos fiquem sem saber qual o seu papel na universidade e consequentemente na sociedade.

Sequência das ideias: Apresenta uma sequência de ideias regular.

Coerência: Como já dito na categoria *interpretação do texto*, falta uma certa coerência nas frases. As ideias do texto que foram apresentadas no resumo são:

- interação (ou integração) entre os diversos grupos e etnias, com a troca de conhecimentos e sabedoria;
- investimento em pesquisa;
- volta-se para a formação de seres humanos.

Abordagem do tema: Apesar de não fazer uma boa interpretação do texto, aborda o tema de forma clara, não fugindo à temática.

Fazendo uma comparação entre os textos, produção inicial e produção final, podemos identificar que, mesmo assimilando mais informações, não conseguiu demonstrar melhora na organização das ideias. Pelo contrário, cometeu algumas contradições quanto aos fatos, ou seja, poderia ter trabalhado mais os acontecimentos recentes, as experiências acadêmicas, as estatísticas etc.

Principais contradições:

- a) na produção inicial foi destacado que “o papel da universidade é o de prezar pela boa formação para se ter um bom profissional”;
- b) porém, no resumo do texto, essa afirmação é negada;

Na produção final, foram omitidos quaisquer comentários ou observações sobre o texto 1, dando enfoque exclusivo aos textos 2 e 3.

GRADUANDA Nº 3

PRODUÇÃO INICIAL

O papel da Universidade.

Podemos dizer que a vida acadêmica de um indivíduo é subdividida em três etapas que são: ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Para alcançar o nível superior o estudante passa por vários processos que possuem apenas um objetivo, avaliar o seu nível de conhecimento, eliminando os desproporcionados e escolhendo os estudantes que observaram melhor o conteúdo aplicado, em desses processos de seleção são os vestibulares, que avaliam o indivíduo e o prepara para o nível superior de ensino.

A partir dessa aprovação uma nova fase é iniciada, aquela de descobertas ainda mais complexas das que foram realizadas anteriormente, é na Universidade onde o aluno mesclará de todo o conhecimento adquirido, mas apenas o científico, mas principalmente o conhecimento de mundo, que o ajudará a compreender e interpretar nas diversas questões.

teóricos, mas o sentido de um ser social e desigual; é na Universidade onde o indivíduo está capacitado a enfrentar o mercado de trabalho, de maneira mais completa, com conhecimentos mais aprofundados e também terá a oportunidade de entrar em vários outros cursos.

Interpretação do texto: Não apresenta ideias focalizadas quanto ao papel da universidade, demonstrando os fatos de forma vaga, sem muita estrutura e desenvolvimento do texto. A graduanda não se detém a explorar o tema do papel da universidade, dedicando boa parte do texto a questões triviais, como os caminhos que levam ao ensino superior, processos seletivos, conhecimentos acumulados ao longo do tempo, entre outras. E quando aborda o tema em questão, é muito superficial, mostrando fatos e opiniões pessoais, sem desenvolvê-las e justificá-las, como no trecho: “compreender não apenas questões teóricas mas o sentido de um ser social e racional”, onde não há qualquer explicação ou argumentação sobre a afirmativa. Além de não se aprofundar, a graduanda peca bastante na fuga ao eixo principal, pois mesmo quando se refere à universidade e ao ensino superior, dá pouco destaque ao papel destes na formação de pessoas/profissionais, explorando mais as características de ambos do que seu papel na sociedade.

Sequência das ideias: Não trabalha adequadamente a formação das frases, inclusive passa informações confusas quanto à vida acadêmica. Não há frases mal formadas; elas são vagas, pouco objetivas e pouco profundas. São elas:

- *A partir dessa aprovação, uma nova fase é iniciada, repleta de descobertas ainda mais completas das que foram realizadas anteriormente.*
- *É na universidade que o indivíduo será capacitado a enfrentar o mundo de trabalho, de maneira mais completa.*
- *É na universidade que o aluno necessitará de todo o conhecimento apurado, não apenas o científico, mas principalmente, o conhecimento de mundo que o auxiliará a compreender não apenas questões teóricas, mas o sentido de um ser social e racional.*

Essas frases também são exemplos de informações confusas quanto à vida acadêmica. Esses exemplos constituem apenas opiniões da graduanda, sem qualquer argumentação ou aprofundamento e fogem um pouco ao tema proposto.

Coerência: Não argumenta os fatos de maneira coerente, passa suas opiniões, sem abordar os fatos propostos pelo autor.

Abordagem do tema: Aborda a temática de forma solta, enfatizando apenas a condição do estudante no meio universitário, ou seja, suas dificuldades, descobertas etc.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 3

TEXTO 1

Na folha de São Paulo no ano de 1983, foi publicado um artigo de opinião, feito por Carlos Rossi em contraponto ao que foi divulgado na revista Gazeta Mercantil, que mostrava os dados colhidos pelo Laboratório de Pesquisas Científicas, referente aos gastos do nosso PIB com a educação brasileira.

O articulista deixa claro sua posição de achar um absurdo essa relação dos gastos com o ensino superior, que equivale a US\$ 8 mil para cada dos 300 mil estudantes universitários, e apenas US\$ 114,28 para 28 milhões de estudantes que frequentam o primeiro grau, o que equivale a 70 vezes menos do ensino superior.

Rossi deixa claro a relação considerada por ele um "dado ridículo" de que, quem tem mais informação tem mais poder, na sua opinião seria difícil para os estudantes do primeiro grau, se prepararem para alcançar o ensino superior, se forem dependentes dos investimentos a eles dedicados.

RUBEN

Interpretação do texto: Não se trata do Laboratório de Pesquisas Científicas, mas do Laboratório Nacional de Computação Científica, ligado ao Conselho Nacional de Pesquisas Científicas. A Gazeta Mercantil não é uma revista, e sim um jornal. O fato referido é o disparate entre as porcentagens do PIB aplicadas no Ensino Superior e no Ensino Básico. "Rossi deixa claro (sic) a relação considerada por ele um 'dado ridículo', de que quem tem mais informação tem mais poder". Esse trecho foge completamente ao que foi dito pelo articulista. Este escreveu: "Como informação é

poder, mais ainda no mundo moderno, é óbvio que quem tem mais informação vai concentrar mais poder e, por extensão, mais renda. [...] Dado o ridículo investimento no ensino básico, vai ser muito difícil criar uma quantidade suficiente de gente preparada”. No resumo deveria haver maior destaque para o disparate entre os investimentos nas universidades e nas escolas de ensino fundamental; para as desigualdades brasileiras e a contribuição para sua “eternização” por parte deste disparate; para o fato de, dado o ridículo investimento no ensino básico, haver dificuldade de criar quantidade suficiente de gente preparada para a sociedade futura.

Sequência das ideias: Não houve sequência das ideias. Frases desconexas. A graduanda limita-se a enumerar, listar as ideias do articulista (“disparate entre os investimentos” e “quanto mais informação, mais dinheiro e poder”), sem analisá-las, relacioná-las e opinar sobre elas. O segundo parágrafo é bastante confuso: “O articulista deixa claro sua posição de achar um absurdo essa relação dos gastos com o ensino superior, que equivale (sic) a U\$ 8 mil para cada [um] dos 300 mil estudantes universitários, e apenas U\$ 114,28 para 28 milhões de estudantes que frequentam o primeiro grau, o que equivale a 70 vezes menos do ensino superior”.

→ Os 114,28 dólares são para CADA UM dos 28 milhões de estudantes, e não para os 28 milhões de estudantes.

Coerência: De certa forma foi coerente, uma vez que apenas copiou as ideias do autor.

Abordagem do tema: Ao abordar o tem, o faz de forma superficial, mostrando opiniões pessoais. Contudo, não acrescenta sua posição pessoal referente à temática, deixando de comentar a crítica feita ao sistema de governo.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 3

TEXTO 2

O papel da Universidade no processo de formação humana: perspectivas e propostas.

Resumo

Baggio inicia seu texto com alguns questionamentos referentes a como a Universidade está se comportando, para alcançar um mundo justo, que possibilite uma vida harmoniosa e feliz.

Pode cita alguns reflexões do escritor Paulo Freire, que mostra uma visão de Universidade "construída por gente, gente em viagem constante. Deve-se investir nessas pessoas, com condições distintas que ofereçam mais o nível, tanto de professores quanto de estudantes.

Para se chegar a uma Universidade que está verdadeiramente incluída em um contexto social, ela precisa acolher os pessoas que a compõem. "Construindo" melhores condições de trabalho, investindo em ações culturais, pesquisas e tantos outros coisas que melhorem essa interação pessoal.

Interpretação do texto: No resumo, todos os fatos principais pertinentes ao texto são expostos, mas simplesmente expostos. Não há incremento, profundidade, opiniões e visões pessoais. Novamente, existe uma limitação a enumerar, sequenciar as ideias apresentadas no texto principal, desta vez mais numa sequência mais lógica, com interação e relação de sentido entre elas, dentro do resumo. Porém, a graduanda

não firma suas opiniões e posições acerca do tema e dos fatos apresentados no texto. Ela poderia ter “respondido” às seguintes perguntas:

- A universidade deve promover que tipo de ações culturais? – As que promovem a integração (troca de conhecimentos) dos diversos grupos humanos.
- Investir em pesquisas com que direcionamento? Pesquisas que priorizem a formação humana e o bem-estar do planeta, a fim de formar indivíduos éticos, criativos, sensíveis e solidários.

Sequência das ideias: Houve uma sequência lógica com interação.

Coerência: Não apresentou coerência, uma vez que não elaborou um bom resumo, resumiu o texto apenas em duas frases. Iniciou fazendo uma referência ao texto e finalizou com uma única citação, sem se aprofundar na temática.

Quais seriam essas “tantas outras coisas que melhorem a interação pessoal”?

- Há uma dissonância entre o dito por Paulo Freire e o que foi posto no resumo.

No resumo está escrito: “[...] algumas reflexões do escritor Paulo Freire, que mostram uma visão de universidade composta por gente, gente que cria e que pesquisa”. Na verdade, Paulo Freire pondera sobre o ensino presente na atual ordem econômico mundial, ensino esse que ele considera empobrecedor, por priorizar a “pseudoformação científica e o ‘treinamento’”.

Abordagem do tema: Não faz nenhuma abordagem sobre o tema do texto.

O resumo deveria seguir uma sequência de ideias que abrangesse os pontos apresentados no texto, que são:

- a perda da identidade e o desconhecimento do papel que devem exercer na sociedade, por parte das instituições sociais;
- as mudanças sofridas pela sociedade e como a universidade mudou para acompanhar essas alterações e continuar transmitindo o saber humano;
- como e por quê as universidades precisam se adequar aos processos de desenvolvimento econômico e social, e quais os seus compromissos e responsabilidades; enfim, qual seu papel na sociedade.

A abordagem deveria ser bem ampla, seguindo a linha de raciocínio citada acima, acompanhada de opiniões e posições da autora do resumo, num texto coeso, com ideias bem relacionadas, bem expostas e bem argumentadas e fundamentadas.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 3

TEXTO 3

O papel da Universidade diante do contexto atual: Uma questão de responsabilidade social.

O texto se inicia, com um breve resumo de como a Universidade nos últimos anos foi se adaptando constantemente as diferentes realidades.

As universidades, assim como quaisquer outras instituições deve se adequar aos processos de desenvolvimento socio-científico.

Interpretação do texto: Resumiu demasiadamente o texto, prejudicando a interpretação.

Sequência das ideias: Não houve sequência de ideias.

Coerência: Não apresentou, uma vez que não elaborou um bom resumo. Resumiu o texto apenas em duas frases. Iniciou fazendo uma referência ao texto e finalizou com uma única citação, sem se aprofundar na temática. Não apresentou nenhum ponto de vista sobre o tema em questão. Resumo sem conteúdo.

Abordagem do tema: Não fez nenhuma abordagem sobre o tema do texto.

GRADUANDA Nº 3

PRODUÇÃO FINAL

O papel da Universidade

A Universidade é uma instituição composta das mais diversas formas culturais e sociais existentes na sociedade. Deve-se investir nos meios culturais e nas interdisciplinaridades entre os cursos que a compõem, para que isso garanta mais interação entre estudantes e professores.

Para se chegar a uma Universidade que está verdadeiramente incluída em um contexto social, é necessário sim melhores condições de espaço e interação entre os indivíduos. Deve-se investir muito dinheiro sim, no nível superior, mas principalmente no nível fundamental, que é a base do conhecimento de cada pessoa.

Para que quando esta pessoa ingressar na universidade tenha um desenvolvimento cognitivo constante operado, adquirindo no ensino básico, como: constante leitura, minicursos e outros. Por isso a Universidade é um lugar de aprendizagem e um instrumento de transformação da sociedade.

Interpretação do texto: Na produção final há uma melhora em relação à produção inicial. Houve uma diminuição nas frases vagas e subjetivas, e o tema central obteve mais destaque e um pouco mais de fundamentação. Porém, a abordagem ainda é feita de maneira muito superficial, como no trecho: “É necessário sim melhores condições (sic) de espaço e interação entre os indivíduos”. O texto não explicita como deveria haver essa interação nem que melhorias deveriam ser feitas. A conclusão não tem

relação com o assunto tratado anteriormente. A graduanda cita meios para se chegar a uma “universidade verdadeiramente incluída num contato social” (frase desconexa), que seriam a melhoria de condições de espaço e a promoção da interação dos indivíduos, além do investimento maior no ensino fundamental, e conclui: “Por isso, a universidade é um lugar de aprendizagem e um instrumento de transformação da sociedade”. Portanto, há um erro de coesão no uso do conectivo “por isso”, além de ser a conclusão completamente alheia à sequência, ao rumo que o texto vinha tomando. Deveria ter sido dada ao texto uma profundidade maior, para torná-lo mais objetivo, sem frases tão vagas e subjetivas. No texto, a graduanda citou as principais ideias dos três artigos; mas, como já foi dito, de uma maneira superficial. Não há uma só conclusão ou posição pessoal que demonstrasse o entendimento e a compreensão por parte da aluna.

Sequência das ideias: Texto sem estruturação, desconexo, sem complemento entre as ideias.

Coerência: Como já dito anteriormente, frases sem coerência.

Abordagem do tema: Nenhuma abordagem sobre o tema.

A produção final, embora num grau menor que a inicial, ainda é bastante subjetiva e, apesar de demonstrar a apreensão de algumas ideias por parte da graduanda, deixa claro que não houve melhora na capacidade desta de organizá-las e compreendê-las, além de formular opiniões e posições sobre elas. Sob o aspecto do desenvolvimento cognitivo apresenta pouca evolução de conteúdo, pois, mesmo obtendo mais informações, não conseguiu melhorar a organização das ideias. Logo, a comparação entre a produção inicial e a final não foi muito significativa.

GRADUANDO Nº 4

PRODUÇÃO INICIALO papel da Universidade

A universidade em sua vez, tem a finalidade de proporcionar cursos de graduação, para a sociedade em geral que tenha interesse, de fazer um curso superior, depois que termine o ensino médio; a ideia central da entidade é tornar os estudantes em profissionais, para o mercado de trabalho; além de dar direito aos estudantes de participarem de pesquisas acadêmicas; estágio remunerado e por sequência proporcionar um conhecimento geral da Universidade em si.

O papel da universidade está voltado para o aprendizado dos alunos, contribuindo para que os graduandos sejam profissionais competentes em relação a sua formação; essa entidade engloba os melhores cursos acadêmicos e técnicos da Universidade. Hoje tem-se a conclusão que a universidade é uma grande sociedade, que se preocupa com seus cidadãos para melhor servi-los, em tudo que lhe satisfaz, e que tenha necessidade de uso; como centros tecnológicos laboratórios e auditórios. Em fim a univer-

é uma cidade de conhecimentos específicos diversos, que norteia o ensino, que é o papel principal da universidade.

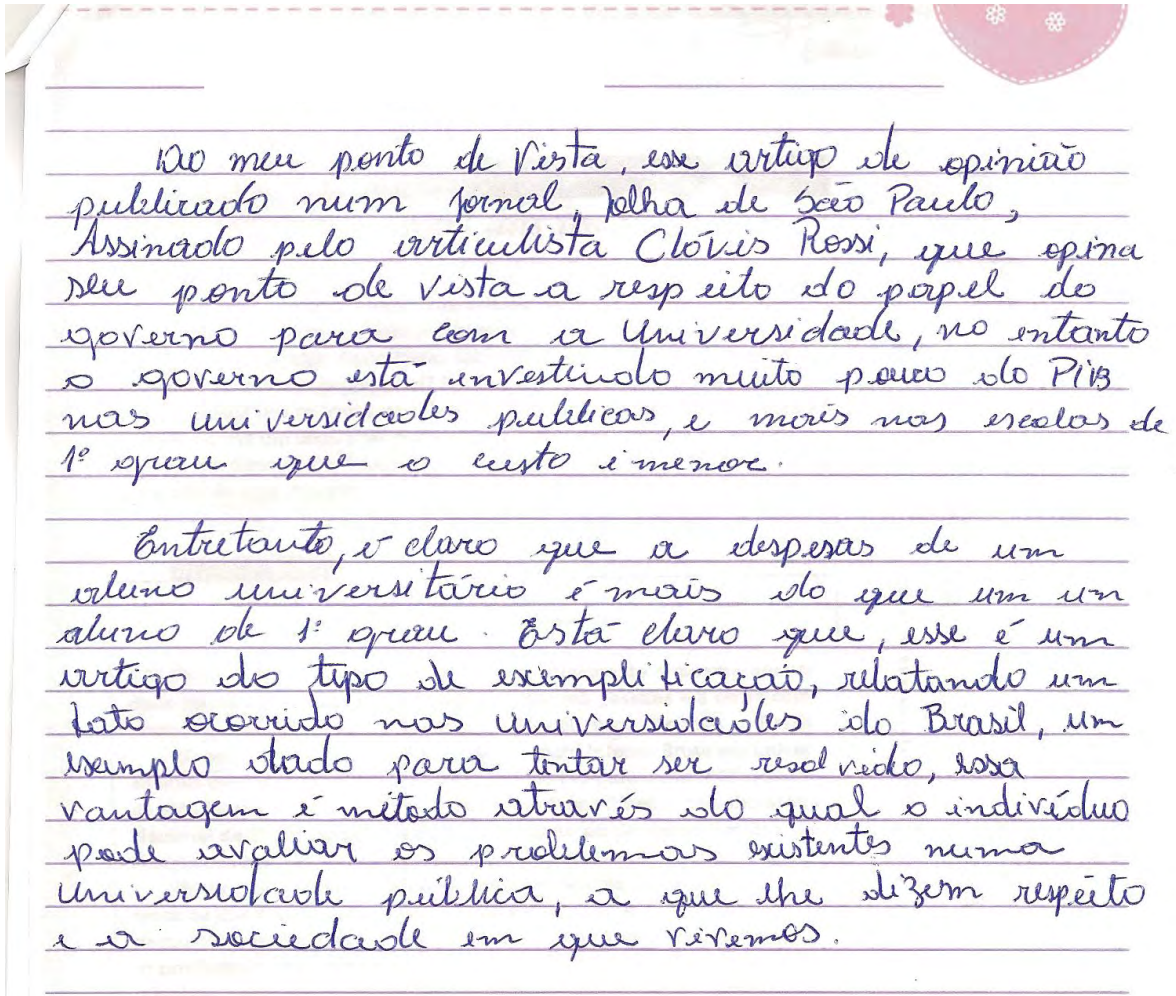
Interpretação do texto: A produção inicial se detém a descrever a universidade, dando pouca ênfase ao papel dela. Quando é dado certo destaque a esse ponto, os argumentos não são bem desenvolvidos, resultando na necessidade de “um maior conteúdo na elaboração das frases”. O texto apresenta boa organização dos parágrafos.

Sequência das ideias: Apresenta uma boa sequência de ideias, necessitando de um maior conteúdo na elaboração das frases. Precisa melhorar bastante na construção das frases, apesar de passar uma compreensão do que deseja comunicar. Faltou conteúdo, como citado acima, principalmente em relação ao papel e à importância da universidade e da estrutura física descrita.

Coerência: Regular, corroborando com o que foi observado na sequências das ideias.

Abordagem do tema: Não ficou bem fundamentado e poderia ter desenvolvido um pouco mais o tema em foco.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 4

TEXTO 1

Do meu ponto de vista, esse artigo de opinião publicado num jornal, Folha de São Paulo, assinado pelo articulista Clóvis Rossi, que opina de seu ponto de vista a respeito do papel do governo para com a Universidade, no entanto o governo está investindo muito pouco no PIB nas universidades públicas, e mais nos escolas de 1º grau que o custo é menor.

Entretanto, é claro que a despesa de um aluno universitário é mais do que um aluno de 1º grau. Está claro que, esse é um artigo do tipo de exemplificação, relatando um fato ocorrido nas universidades do Brasil, um exemplo dado para tentar ser resolvido, essa vantagem é método através do qual o indivíduo pode avaliar os problemas existentes numa universidade pública, a que lhe dizem respeito e a sociedade em que vivemos.

Interpretação do texto: “Opina seu ponto de vista”. Incompatibilidade do resumo com o texto: Enquanto o artigo dá ênfase ao disparate entre os investimentos na universidade e no ensino superior, afirmando que aquele é despropositadamente maior que este, o resumo afirma exatamente o contrário. Além disso, o resumo afirma que o artigo expressa o ponto de vista do autor a respeito do “papel do governo para com a universidade”, enquanto o verdadeiro tema do artigo é, entre outros, as desigualdades existentes no Brasil, principalmente entre os ensinos superior e básico. O texto quando está de acordo com o artigo, retrata-o de forma confusa e até incoerente, com uma representação vaga e bastante infiel do texto da Folha de S. Paulo.

Sequência das ideias: Frases incoerentes:

*Esse artigo é do tipo de exemplificação, [...] um exemplo dado para tentar ser resolvido.
(?)*

Essa vantagem é método através do qual o indivíduo pode avaliar os problemas existentes numa universidade pública, a que lhe dizem respeito e a sociedade em que vivemos.

Essas frases, além de incoerentes, não possuem qualquer sentido, e fogem completamente das ideias do artigo.

Coerência: Apresenta ideias sem conexão com o texto original.

Abordagem do tema: Não fez uma boa abordagem do tema, com frases sem coerência e palavras soltas nas frases. Tentou dar uma interpretação pessoal do texto, fugindo totalmente do conteúdo exposto no texto original.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 4

TEXTO 2

Resumo: O Papel da universidade no Processo de Formação Humana: perspectivas e Projeções.

A Universidade preocupa-se com o desenvolvimento da prática dos alunos, entretanto a respeito das perspectivas, Paulo Freire diz que o ensino de uma ordem econômica e política em relação à sua formação científica, com o treinamento. Uma universidade tem de tudo e, portanto, precisa questionar, para chegar a alguma solução, mostrando bons caminhos acadêmicos; existe também pessoas normais, que têm uma dicotomia, para fazer trabalhos científicos através de esquemas mentais. Essas pessoas não completam que levam em consideração a suas razões.

A universidade tem seus objetivos, em relação aos potenciais dos "professores, estudantes e os funcionários" não através dessas pessoas, que a Universidade vai para frente com seus objetivos.

Uma universidade precisa ser liberal com todos que estejam em suas portas, para serem mais criativos com a sociedade da universidade mesmo em si. Ou seja o papel da universidade é proporcionar todo o bem, em relação, à sociedade, à ciência, à cultura para satisfazer os alunos; Então o papel da universidade é preparar as pessoas jovens de hoje, para que depois essas pessoas depois preparem os que vão nascer mais a frente.

Interpretação do texto: O resumo não segue uma linha coerente com o texto, ora por se opor às ideias apresentadas neste, ou distorcê-las, ora por fugir completamente do tema e das ideias do texto. A linha a ser seguida deveria destacar os seguintes tópicos pertinentes ao texto:

- A opinião de Paulo Freire, de que o ensino presente na atual ordem econômica mundial, baseado na “pseudo-formação científica e no treinamento”, é empobrecedor.

- O caminho que a universidade deve seguir, criando “condições objetivas que potencializem os professores, os estudantes e os funcionários”, com o fim de formar profissionais/pessoas que sejam equilibradas, sabendo mesclar razão e emoção.

- Outras ações que as universidades devem realizar para transformar os modos de organizar a sociedade, como garantir espaços livres de convivência e planejar ações que privilegiem a cultura, para promover a integração e interação entre os diversos grupos sociais; investir na pesquisa, na ciência e na tecnologia voltadas para a formação humana e cuidado com o planeta, entre outras.

Sequência das ideias: Não segue uma sequência lógica das ideias. A graduanda não soube expressar satisfatoriamente a ideia que no texto 2 é tratada pela frase “a universidade [...] prepara, primordialmente, a geração de hoje para cuidar de uma geração ainda não nascida”. Na produção final, quando se tratou desse assunto, cometeram-se redundâncias, além de a ideia ter sido exposta de maneira confusa e desordenada.

Coerência: Apresenta ideias sem conexão com o texto original. Frases soltas, desordenadas, desconexas e incoerentes.

- *O ensino de uma ordem econômica é pobre em relação à sua formação científica, como treinamento.*
- *Uma universidade tem de tudo, e agente (sic) precisa questionar, para chegar a alguma solução.*
- *Existe também pessoas normais (sic) que tem uma dicotomia para fazer trabalhos científicos através de esquemas emotivos. Essas pessoas são completas que levam em consideração as suas razões.*
- *Uma universidade precisa ser liberal com todos que estejam em sua volta, para serem mais criativos com a sociedade da universidade mesmo em si.*

O texto não segue uma sequência lógica das ideias, além de, em muitos pontos não estar de acordo com o artigo, o graduando apresenta as ideias de maneira completamente desordenada, de modo que uma ideia não tem relação alguma com a anterior. Assim, as ideias não obedecem a uma sequência lógica por pura falta de coesão do texto. Além disso, muitas dessas ideias são incoerentes e confusas, sem uma argumentação satisfatória.

Abordagem do tema: Aborda o tema de forma limitada.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 4

TEXTO 3

O Papel da universidade diante do contexto atual: uma questão de responsabilidade social.

A universidade tem um papel muito importante a respeito da sociedade, diante da transmissão do conhecimento das pessoas que vivem nessas instituições de ensino superior. Mas apesar de tantas mudanças que o homem faz pela sociedade, com planos políticos pelo meio, essa instituição vem acompanhando e se adaptando a essas novas realidades. Entretanto a economia teve modificação para que um novo exemplo, de universidade fosse estabelecido, no caso das pesquisas englobando toda a universidade em diversos cursos, devido a influência da instituição para uma responsabilidade com os cidadãos dessa sociedade.

As instituições precisam de um aumento econômico para ter um aumento da sociedade, essa teoria devido o tempo necessita ser revida para uma nova realidade, no entanto a universidade tem que ter um papel efetivo para com a sociedade e assim mudar sua transformação global.

De modo geral, as instituições universitárias, precisam planejar planos duráveis, para mudar a sociedade, em relação a direitos civis, políticos e sociais das comunidades.

É preciso que a educação seja mais praticada, para uma cidadania melhor, tendo como foco principal uma "proposta pedagógica" e com isso a formação de profissionais - cidadãos de um ponto de vista universitário, estando sempre de olho aberto para o desenvolvimento científico e tecnológico. Entretanto a universidade atua com novos projetos para com a comunidade, em cada área de conhecimento acadêmico.

Portanto é a universidade que faz transformações em virtude da sociedade, e o papel do cidadão acadêmico resolver esse problema presente na instituição universitária.

Interpretação do texto: A compreensão dos textos do graduando melhorou de forma visível, visto que ele, neste último resumo, já se deteve de maneira mais “demorada” e mais profunda nas ideias apresentadas no texto e não as distorceu e inverteu; os argumentos acerca das afirmações do texto estão muito mais “densas”, “encorpadas”, e é notória a diminuição no número de frases desconexas, incoerentes e confusas.

Exemplos de frases confusas e incoerentes:

- *As instituições precisam de um aumento econômico para ter um aumento na sociedade.*
- *Essa teoria devido o tempo necessita ser recriada para uma nova realidade, no entanto, a universidade tem que ter um papel efetivo para com a sociedade e assim mudar sua transformação global.*

Outras redundâncias – Conclusão final

- *E que futuramente esses cidadãos formados passem a fazer a mesma coisa pelas aquelas pessoas que ainda vão nascer futuramente.*
- *No entanto seu papel é só formar profissionais em cada área, mas sim (também) aprimorar todos os seus conhecimentos em relação a cada área acadêmica.*

Sequência das ideias: Segue adequadamente a sequência das ideias, expondo os fatos de forma pertinente ao texto.

Coerência: Se observarmos os resumos anteriores, podemos avaliar que este último manteve uma linha coerente das ideias apresentadas pelo autor. Obteve uma progressiva melhora na evolução dos fatos, embora tenha elaborado duas frases confusas e incoerentes e outras duas com redundâncias, citadas acima.

Abordagem do tema: Abordou o tema de forma clara e compreensível. Expõe sua opinião sobre o tema, citando as mudanças, transformações globais e econômicas, apresentando alternativas para a temática desenvolvida no texto.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 4

PRODUÇÃO FINAL

O Papel da Universidade.

teremos um debate em sala de aula, sobre os três resumos, feitos a respeito do papel da Universidade. Para chegar-mos a uma conclusão final, de como a Universidade tem que fazer em relação aos seus deveres, e também direitos para com a sociedade. No entanto seu papel não é só formar profissionais em cada área, mais sim, apropriar todos os seus conhecimentos em relação a cada área acadêmica para que, cada profissional saiba ensinar o que é proporcionado para cada curso.

É necessário que a Universidade tenha um papel exemplar, para com todos da sua sociedade, sem discriminação acadêmica, sexuais e etc. Mas é preciso ressaltar mais, Por uma educação pioneira e múltipla, para que formem bons cidadãos e que futuramente esses cidadãos formados passem a fazer a mesma coisa para aquelas pessoas que ainda vão nascer futuramente. É com a sociedade unida que venceremos todos os desafios que queremos, e se for preciso que a Universidade faça um papel melhor em função de si mesma e da sociedade virante.

Foi de importante caso, que a Universidade tivesse mais uma, melhorada em sua estratégia tanto em relação a maneira de como, os cursos são descontinuados pelos acadêmicos, mas também, da só valoriza mais certos cursos que sempre estão no auge dentro e fora da Universidade.

Concluir este resumo foi muito importante, para eu e para o papel da Universidade, ter mais melhorias acadêmicas e espiritual, por conta de tanto preconceito, é preciso mudar muito ainda no papel da Universidade, no que desrespeita a sociedade.

Interpretação do texto: Ideias confusas:

- *Para chegar-mos (sic) a uma conclusão de como a universidade tem que fazer em relação aos seus deveres, e também direitos para com a sociedade.*

Ideia confusa e, além de tudo, sem qualquer relação com o que foi dito nos textos e, conseqüentemente, nos resumos.

- *No entanto, seu papel não é só formar profissionais em cada área, mas sim aprimorar todos os seus conhecimentos em relação a cada área acadêmica, para que cada profissional saiba ensinar o que é proporcionado para cada curso.*
- *Mas é preciso reivindicar mais, por uma educação pioneira e múltipla, para que formem bons cidadãos.*
- *Foi de importante caso que a universidade fizesse mais uma ‘melhorada’ em sua estratégia tanto em relação à maneira de como os cursos são discriminados pelos acadêmicos, mas também, ela só valoriza mais certos cursos que estão no auge dentro e fora da universidade. - Ideia completamente fora de propósito.*
- *Concluir este resumo foi muito importante, para eu (sic) e para o papel da universidade, ter mais melhorias acadêmicas e espiritual, por conta de tanto preconceito, é preciso mudar muito ainda no papel da universidade, no que diz respeito à sociedade. – Ideia confusa, desconexa e incoerente, além de não ter qualquer relação com os textos.*

Sequência das ideias: Comete redundâncias em alguns trechos do texto. Ideias confusas e sem nexos.

Coerência: Frases sem coerência, confusas e não consegue transmitir de forma clara o seu pensamento ou opinião.

Abordagem do tema: Não soube aproveitar o que foi debatido em sala de aula, portanto, não fez uma abordagem coerente com o texto original.

Em resumo, a produção final se distancia bastante do conteúdo dos três textos, em quase todos os pontos (excetuando-se a primeira ideia do tópico anterior – ideias confusas). Além dos citados, outro trecho da produção do graduando que não tem relação alguma com os anteriores é o seguinte:

- *É com a sociedade unida que venceremos todos os objetivos que queremos [...].*

A ideia do preconceito e discriminação não pode ser apreendida de qualquer dos três textos.

Fazendo uma comparação da produção inicial e da produção final, observa-se pouca evolução cognitiva. Não consegue dar uma ideia clara do que realmente quer transmitir nem tampouco consegue interpretar as ideias dos textos de forma clara e coerente. Perde-se completamente na construção das frases, sem sentido e desordenadas.

GRADUANDA Nº 5

PRODUÇÃO INICIALO papel da universidade

As universidades, de um modo geral, devem oferecer uma educação de qualidade, para formar profissionais capacitados.

Para que isso ocorra, faz-se necessário que as universidades tenham uma estrutura física que tenha em todas as salas equipamento como por exemplo: retroprojetor, para tornar as aulas mais dinâmicas. Que a estrutura das universidades seja, de fato, o suporte do conhecimento.

Espera-se que a universidade tenha professores capacitados e bem remunerados. Com professores bem pagos evita-se greves, que não prejudicam os alunos atrasando o término dos cursos.

Espera-se ensino teórico, mas que se aplique a teoria na prática. Com medidas simples o ensino pode tornar-se atrativo para os alunos, evitando desse modo a evasão que é tão alta em alguns cursos.

Interpretação do texto: Apesar de o texto apresentar ideias bem organizadas, com introdução, desenvolvimento, percebe-se que não há uma conclusão sobre o tema.

Sequência das ideias: Mostra uma boa construção das frases; estrutura as frases de forma coerente.

Coerência: Apresenta uma adequada sequência de ideias.

Abordagem do tema: Abordou o tema de forma clara e compreensível. Apresenta capacidade de argumentar a temática, com facilidade e precisão. Defende seus pontos de vista adequadamente, com sugestões sobre as medidas a serem tomadas, visando melhorar o papel da universidade.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 5

TEXTO 1

O texto é um artigo retirado do jornal Folha de S. Paulo de 1993. O autor Clóvis Rossi questiona a distribuição de verbas públicas para o investimento da educação básica e superior.

O autor afirma que 0,6% do PIB era investido em educação superior, que tinha 300 mil estudantes no momento da pesquisa, e 0,8% do PIB era destinado a educação básica que tinha 28 milhões de estudantes.

Para o autor no que concerne a distribuição de verbas para o ensino era injusto investir mais na educação superior, onde só tinham mais estudantes das classes mais favorecidas, do que na educação básica que tinha um número consideravelmente maior de estudantes e também beneficiaria os estudantes das classes menos favorecidas.

Para o autor esse dado acima mencionado só aumenta a desigualdade no nosso país, pois o governo investe nos mais ricos e faz com que os pobres fiquem mais pobres.

Obs: O questionamento do início do texto não estabelece coerência com o artigo que vem em seguida, pois o mesmo não argumenta sobre o papel da universidade e sim do governo em distribuir de forma igualitária as verbas para o ensino superior e básico.

Interpretação do texto: Interpretou bem o texto, apresentou as estatísticas de forma adequada, passou suas opiniões a respeito da temática. Houve completa compreensão e exposição das ideias do texto principal, com apenas uma exceção: a de que, investindo-se tão pouco no ensino básico será difícil conseguirmos formar gente suficiente e satisfatoriamente qualificados, no futuro. Porém, as ideias foram apenas expostas, sem uma avaliação crítica por parte da graduanda do resumo. Houve muita preocupação no relato dos dados da pesquisa, quando o principal era a compreensão e interpretação desses dados.

Sequência das ideias: Obteve uma boa sequência de ideias, demonstrando os fatos propostos pelo autor e acrescentando novos fatos ao texto.

Coerência: Apresentou coerência com relação às ideias do autor, apresentando sua opinião de forma coerente com o que foi proposto. No final fez uma observação quanto ao conteúdo do texto. Portanto, o resumo atendeu às exigências da pesquisa.

Abordagem do tema: Abordou o tema de forma coerente, não fugindo das informações contidas no texto.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 5

TEXTO 2

O texto "O papel da universidade no processo de formação humana: perspectivas e propostas" ~~sugere~~ trata de como a universidade de fato, pode contribuir no processo de formação humana sugerindo soluções. Bazzo cita "A Sombra desta Mangueira" de Paulo Freire e afirma ^{que} empregador o ensino baseado numa pseudo-formação científica e no treinamento.

Para o autor a universidade é feita por gente e precisa permanentemente fornecer condições objetivas que potencializem os professores, estudantes e funcionários, porque são os responsáveis pela continuidade da formação dos homens e mulheres.

O autor sugere uma profunda mudança nos modos sociais de relação, a relação do homem com a natureza, com a ciência, com a cultura que essa mudança se efetive dentro da Universidade porque representa fora dela.

O autor considera importante garantir espaços livres de convivência para estudantes, professores e funcionários para desse modo promover a integração, a criatividade e a solidariedade, mediados pelas artes, pela cultura, pelos livros. Inserir em pesquisas que integrem o desenvolvimento científico-tecnológico e humano priorizando a formação de indivíduos éticos

criativos, sensíveis e solidários. O autor afirma que a ciência e a tecnologia devem estar voltadas para formação humana e a ~~preservação~~ preservação do planeta com o cuidado com o meio ambiente. O autor finaliza dizendo: "a Universidade tem um papel primordial no processo de desenvolvimento humano, porque ela prepara, primordialmente, a geração de hoje para cuidar de uma geração ainda não nascida".

Interpretação do texto: Há uma abordagem completa sobre as ideias principais do texto, que são:

- A crítica de Paulo Freire ao ensino baseado na pseudo-formação científica e no “treinamento”.
- As sugestões do texto para melhoria das condições e investimentos que a universidade deve promover para aumentar sua relevância e realmente cumprir seu papel na sociedade atual.

Sequência das ideias: Em alguns pontos, houve uma apreensão completa e profunda das ideias do texto, nos seguintes casos:

- Compreensão objetiva do tema central do texto: *O texto [...] trata de como a universidade de fato pode contribuir no processo de formação humana, sugerindo soluções.*
- Outro trecho que demonstrou boa capacidade de interpretação: *O autor sugere uma profunda mudança nos modos sociais de relação, a relação do homem com a natureza, com a ciência, com a cultura, e que essa mudança se efetive dentro da universidade para que repercuta fora dela.*
- Porém, nos outros pontos houve uma limitação em apenas descrever os assuntos abordados no artigo, às vezes até transcrevendo passagens deste, direta ou indiretamente.

Coerência: Apresentou coerência com o texto e as ideias do autor; apresentou sua opinião de forma coerente com o que foi proposto.

Abordagem do tema: Aborda o tema de forma coerente, não fugindo das informações contidas no texto.

RESUMO DA GRADUANDA Nº 5

TEXTO 3

No início do texto a autora Moiseichyk faz um breve resumo sobre como as instituições sociais tiveram dificuldades em saber seu papel diante as mudanças sociais, políticas, econômicas e globais da virada do século.

Posteriormente a autora cita a importância do papel da universidade em optar por ações educacionais visando transformar profundamente a sociedade na direção da conquista dos direitos ~~civis~~ civis, políticos e sociais.

Por fim menciona a importância de ações educativas para a construção da cidadania humana e o repensar do papel da universidade na sociedade.

Interpretação do texto: Elaborou um resumo com poucas informações, empobrecendo a temática exposta pela autora. Sobre o início do texto, faltou ao resumo ressaltar a tentativa das instituições sociais, sobretudo, as universidades, de se adaptarem rapidamente às constantes mudanças nos processos e estruturas sociais, a fim de continuar a transmitir o saber humano. Além disso, não houve citação nem explicação à afirmação de que “o compromisso social da universidade deve ser muito mais efetiva”.

Sequência das ideias: A sequência de ideias foi satisfatória, apesar de supressão de algumas informações presentes no artigo e da abordagem superficial do tema, sem argumentos nem fundamentações, e com a limitação de apenas transcrever, às vezes, as palavras do texto, como nos casos seguintes:

- *Universidade [...] optar por ações duradouras, eu visem (visando) transformar profundamente a sociedade, na direção da conquista dos direitos civis, políticos e sociais.*
- *Ações educativas para a construção da cidadania.*
- *Saber qual e o seu perfil diante as (sic) mudanças sociais, políticas, econômicas e sociais [...].*

Por fim, no resumo não consta uma afirmação importante do texto e de que as universidades devem tentar sair do seu “enclausuramento, alheamento e corporativismo”, para evitar que os autores chamam de “inércia acadêmica” e o conseqüente distanciamento em relação à sociedade.

Coerência: Não apresentou coerência porque não elaborou um bom resumo. A graduanda vinha numa linha de boas ideias e resumos bem elaborados. No entanto, neste último, perdeu-se completamente, fugindo da linha que vinha mantendo, ou seja, com frases bem elaboradas e boa interpretação dos textos. Limitou-se, de forma muito sintética, repetir as palavras de uma das autoras do texto.

Abordagem do tema: Sintetizou demais as informações contidas no texto.

GRADUANDA Nº 5

PRODUÇÃO FINALO papel da Universidade

Qual o papel da Universidade? Essa é uma pergunta que gera várias respostas.

Primeiramente a universidade tem o papel de formar bons profissionais, mas é claro que não pode ser apenas isso.

A universidade estruturalmente tem que ser um espaço de interação social onde cultura, lazer e conhecimento andem juntos e também que a comunidade possa desfrutar e ser parte integrante do que acontece na universidade.

É percebido que, em geral, nas universidades existe uma desigualdade e até uma discriminação, eu poderia dizer, entre os centros. Cursos que são considerados de prestígio são melhor financiados isso gera uma separação entre os acadêmicos pois os alunos de Pedagogia, por exemplo, são considerados inferiores à alunos de Medicina, por exemplo. Isso ocorre, a meu ver, por que é notório que os CCS, são muito melhor equipados do que os CCHLA o que não deveria acontecer, pois professores são tão importantes

quanto médicos, um médico precisa de um professor para poder se formar. Na universidade deve haver uma interação entre os centros e uma conscientização de que não existe profissão melhor, uma depende da outra.

No que diz respeito a formação a universidade deve formar cidadãos éticos, politizados, proficientes em suas respectivas profissões e principalmente conscientes de seus papéis na sociedade.

Em suma a universidade tem o papel de fornecer conhecimento integrado ~~de~~ com a cultura e a competência social e a interação entre universidade e sociedade.

Interpretação do texto: O texto apresenta ideias pertinentes à temática, com capacidade de argumentação, inserindo ao texto mais conteúdo devido às informações obtidas em outros textos e discussões.

Sequência das ideias: Houve evolução no desenvolvimento do texto, com sequência das ideias.

Coerência: Expôs o tema de forma coerente e coeso, deixando clara, na conclusão, suas opiniões.

Abordagem do tema: Abordou a temática de forma coerente, demonstrando desenvoltura no desenvolvimento do tema em questão.

Comparando-se a produção final à produção inicial, observa-se que, desde o início, vinha mantendo uma linha coerente na interpretação dos textos. Apenas no texto 3 perdeu-se completamente, percebendo-se certo descaso ou cansaço na interpretação do texto. No entanto, na produção final mostrou uma evolução

significativa, com uma boa interpretação e frases bem elaboradas e opiniões bem colocadas, com coerência e de acordo com a temática. Mas, no geral, entre as produções apresentadas, essa graduanda resumiu os textos, captando bem as ideias dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procuramos descrever o desenvolvimento humano segundo a visão de Bronckart e Rego, os quais são unânimes em afirmarem que o mesmo se dá na relação com o outro, cuja marca principal é a conquista da linguagem.

Elaboramos uma síntese das correntes que explicam esse desenvolvimento, dando ênfase ao sociocognitivismo, que toma como base a cognição como um fenômeno situado e social. Nessa perspectiva social, o foco principal é o da interação entre os sujeitos, cujas ações acontecem de forma conjunta. Nesse processo de interação, as discussões surgidas contribuíram para compartilhar experiências e desenvolver habilidades cognitivas que dizem respeito à capacidade de gerar, organiza ideias, selecionar o vocabulário, esboçar uma primeira versão do texto, revisar e editar.

Fizemos uma breve reflexão sobre a língua que, na visão de Marcuschi, é considerada um sistema homogêneo, composto de vários níveis formando uma hierarquia, assim distribuídos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. Cada nível desses constitui uma unidade que compreende o fonema, o morfema, a oração e o conceito.

Procuramos relacionar alguns conceitos de língua de vários autores, vista como uma forma cognitiva e que, através da mesma, podemos expressar nossos sentimentos, crença, ideias e desejos. Em outras palavras, a língua pode ser vista como uma forma de ação pela qual podemos agir.

Na discussão dos artigos, evidenciou-se um processo de socialização, cuja importância foi em cima do desenvolvimento sociocognitivo, exposto nas produções escritas.

A abordagem interativa que fizemos no estudo do gênero artigo de opinião, se constitui em uma poderosa ferramenta do desenvolvimento da produção escrita.

Descrevemos o histórico dos gêneros, sua evolução e circulação como forma de organização da sociedade letrada.

Quanto às hipóteses levantadas, foram duas sobre a importância ou não das discussões na construção do texto escrito. Após a aplicação do questionário anexo, verificamos que as respostas dos alunos foram unânimes sobre a importância das

discussões para a aprendizagem sociocognitiva. Verificamos essa confirmação após a codificação do questionário aplicado.

Em relação à metodologia adotada, teve como fio condutor uma sequência didática, cujas etapas foram: apresentação do projeto, estudo teórico do artigo de opinião e da sequência didática, produção inicial, antes da leitura dos três textos escolhidos para a pesquisa, resumo dos mesmos, discussões e levantamento das ideias principais, produção final e aplicação de um questionário. Como última etapa da metodologia, fizemos uma análise da produção inicial, resumos e da produção final. A análise dos dados teve como suporte quatro categorias qualitativas, com base na análise do conteúdo. Após a análise de cada graduanda, fizemos a comparação entre a produção inicial e a produção final, para comprovarmos se houve evolução cognitiva após as discussões.

Quanto aos resultados da pesquisa, na análise dos dados, há bastantes detalhes. O grau de desenvolvimento das habilidades cognitivas desses graduandos variaram, mostrando assim, que, apesar de ser a mesma tarefa, nem todos tiveram facilidade em compreender e interpretar os textos, fazendo um resumo de cada um, antes de partirem para a produção final. Não podemos negar que nas discussões dos textos, observamos o desempenho de cada graduando quanto ao questionamento, demonstrando segurança nas colocações e fazendo inferências e enriquecimento de conhecimentos prévios acerca do verdadeiro papel da Universidade. Nessas discussões, houve troca de experiências e novos conhecimentos surgiram do papel social da universidade como transformadora da sociedade. Os novos conhecimentos resultaram em novos desafios para esses alunos, como construtores de saberes em processos constantes e ininterruptos.

Esse estudo abre espaços para novas pesquisas que compartilhem dessa visão acerca do desenvolvimento coletivo. Os novos estudos podem ser mais aprofundados, pois nenhum texto é tido como acabado.

Conclui-se que, após as análises, constatamos que houve um crescimento nas ideias colocadas e na organização do próprio texto.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2006.
- BAZZO, J. L. S. **O papel da universidade no processo de formação humana: Perspectivas e projeções**. 2007 (artigo).
- BEHRENS, Maria Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perruci. A revisão textual na sala de aula: reflexões e possibilidades de ensino. In Telma Ferraz Leal e Ana Carolina Perrusi Brandão (Orgs.). **Produção de textos no ensino fundamental**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BRONCKART, Jean Paul. Ação, discurso e racionalização: a hipótese de desenvolvimento de Vygotsky revisitada. In Ana Rachael Machado e Maria de Lourdes Meirelles Machado (Orgs.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006.
- _____. As condições de construção dos conhecimentos humanos. In Ana Rachael Machado e Maria de Lourdes Meirelles Machado (Orgs.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006.
- CABRAL, Marina. **Redação Brasil escola**. 2009.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Linguística & alfabetização**. São Paulo: Scipione, 1989.
- DOLZ, Joaquim; NOVERNAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FARIA, Maria Evangelina Brito de; BARACUHY, Regina. **Linguagem: usos e reflexões**. João Pessoa: UFPB, 2009.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GERALDINI, Marta. **Artigo de opinião. Manual do professor**. Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, 2008.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça; LIMA, Maria Luíza Cunha. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In Fernanda Mussalin e Anna Christina Bentes (Orgs.). **Introdução à linguística - Fundamentos epistemológicos**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Orgs.). “É possível ensinar a produzir textos! Os objetivos didáticos e a questão da progressão escolar no ensino da escrita”. In **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Tudo o que você queria saber como construir um bom texto sem se estressar. In IRANDÉ, Antonio. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. “Gêneros textuais; definição e funcionalidade. In PAIVA, Ângela; MACHADO, Ana Raquel e BEZERRA, Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

_____. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In KARWOSKI, M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Editorial, 2008.

MEURER, José Luiz; ROTH, Désirée Motta (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

MOISELCHYK, Ana Elizabeth; BIAZÚS, Cléber Augusto. **O papel da universidade diante do contexto atual**: uma questão de responsabilidade social. Universidade Federal de Santa Catarina (artigo).

MORAIS, Artur Gomes; BRITO FERREIRA, Andréa Tereza. Avaliação do texto escrito: uma questão de concepção de ensino e aprendizagem. In Telma Ferraz Leal e Ana Carolina Perrusi Brandão (Orgs.). **Produção de textos na escola**: reflexões e práticas no ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PASSARELLI, Lílían. **Ensinando a escrita**: o processual e o lúdico. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. A técnica da comunicação humana. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1974. In Ulisses Infante. **Argumentação texto ao texto. Curso prático de leitura e redação**. São Paulo: Scipione, 1998.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 14. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

ROSSI, Clovis. O papel da universidade. **Folha de S. Paulo**, 1993 (artigo).

SILVA, Alexandro da; MELO, Kátia Leal Reis de. “Produção de textos: uma atividade social e cognitiva”. In Telma Ferraz Leal, e Ana Carolina Perrusi Brandão (Orgs.). **Produção de textos na escola e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TOMASELLO, Michael. Cognição cultural. In Michael Tomasello. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Lev Sememnovich. **A pré-história da linguagem escrita. Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário

1ª- Você participa ativamente das discussões sobre o texto trabalhado em sala de aula?

☐ Sim

☐ Não

2ª- Você escuta atentamente os comentários dos colegas sobre o texto trabalhado em sala de aula?

☐ Sim

☐ Não

3ª- Na produção final do texto escrito, vocês levam em conta essa discussão sobre o conteúdo do texto?

☐ Sim

☐ Não

☐ Às vezes

4ª- Até que ponto as discussões sobre o texto lido em sala de aula têm importância para a aprendizagem sociognitiva?

☐ Muita

☐ Pouca

☐ Nenhuma

APÊNDICE B

Resposta/Questionário

GRADUAN DOS	PERGUNTAS									
	1ª		2ª		3ª			4ª		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Às vezes	Muita	Pouca	Nenhu ma
1	x		x		x			x		
2	x		x		x			x		
3	x		x		x			x		
4	x		x		x			x		
5	x		x		x			x		